

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**ALBINA PEDÓ**

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA E LIBERTADORA DE JESUS EM LUCAS 24,13-35  
NA PERSPECTIVA RELACIONAL**

São Leopoldo

2011

ALBINA PEDÓ

A PRÁTICA PEDAGÓGICA E LIBERTADORA DE JESUS EM LUCAS 24,13-35 NA  
PERSPECTIVA RELACIONAL

Trabalho Final de  
Mestrado profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa:  
Leitura e Ensino da Bíblia

Orientador: Prof. Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P371p Pedó, Albina

A prática pedagógica e libertadora de Jesus em Lucas 24,13-35 na perspectiva relacional / Albina Pedó ; orientador Verner Hoefelmann. – São Leopoldo : EST/PPG, 2011.  
79 f. : il. ; 31 cm

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2011.

1. Jesus Cristo – Pessoa e missão. 2. Bíblia. N.T. Lucas 24 – Crítica, interpretação, etc. 3. Vida cristã. I. Hoefelmann, Verner. II. Título.

## RESUMO

O trabalho investiga a prática pedagógica e libertadora de Jesus em Lc 24,13-35, na perspectiva relacional. O conteúdo está organizado em três capítulos. O primeiro (Lucas e o Contexto das Comunidades na Época de Jesus) traz uma visão geral do contexto sociopolítico, religioso e social em que viviam as comunidades na época de Jesus. É de fundamental importância conhecer a realidade, pois assim podemos compreender melhor o que está por trás das palavras e ações de Jesus, no seu relacionamento com o povo de Israel.

O segundo capítulo (Vida e Missão de Jesus) focaliza a pessoa de Jesus, sua identidade e características que vão sendo reveladas através de sua missão, na perspectiva das relações interpessoais. O capítulo final (Interpretação da Prática Pedagógica de Jesus Ressuscitado, no Caminho de Emaús) faz uma interpretação de Lc 24, 13-35, sob o enfoque do evento pascal e da pedagogia. Esse texto, que serve como base do trabalho, constitui um verdadeiro manual de exegese e de pedagogia, princípio para todo trabalho de ensinar. O capítulo conclui com algumas experiências pastorais a partir da metodologia de Emaús. Essas experiências foram feitas em encontros de formação com grupos de catequistas, professores de Ensino Religioso, em momentos de espiritualidade, nos retiros e celebrações.

O apêndice traz o relatório completo da experiência que foi desenvolvida num curso de formação de Ministros da Palavra (catequistas e outros agentes de pastoral). Foi planejada juntamente com alguns membros da equipe de coordenação paroquial onde se realizou o evento.

As palavras abaixo resumem os princípios metodológicos e relacionais da prática de Jesus, a partir da sua caminhada com os discípulos de Emaús em Lc 24,13-35.

Palavras-chave: Ouvir; Conhecer; Dialogar; Respeitar; Partilhar; Orar; Amar.

## **ABSTRACT**

This paper studies the pedagogical and liberating practice of Jesus, according to Luke 24,13-35. The contents are organized in three chapters. Chapter One (Luke and the Context of Communities in the Age of Jesus) provides an overview of the socio-political, religious and social context in which people lived at the time of Jesus. It is crucial to know the reality, in order to better understand what is behind the words and actions of Jesus, in living with the people of Israel. Chapter Two (Life and Mission of Jesus) focuses on the person of Jesus, His identity and characteristics that are revealed through His mission in the perspective of interpersonal relations. Chapter Three (Interpretation of the Pedagogical Practice of the Risen Jesus on the Road to Emmaus) makes an interpretation of Luke 24,13-25, with a focus on the Easter event and on pedagogy. This text, which is the basis for this paper, is, in fact, a manual of theological and methodological exegesis, principle for the task of teaching. The chapter ends with some pastoral experiences based on the Emmaus methodology. These experiences were carried out during training meetings with groups of catechists, teachers of religious education in moments of spirituality, retreats, celebrations. The Appendix provides the full report of the experience that was developed in a training course for Ministers of the Word (catechists and other pastoral agents). It was planned along with some members of the team coordinating the parish where the event took place. The key words below summarize the methodological principles of the practice of Jesus, from His journey with the Disciples of Emmaus, as in Luke 24:13-35.

Key words: Listen – Dialogue - Respect – Share – Pray – Love - Meet.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1 LUCAS E O CONTEXTO DAS SUAS COMUNIDADES .....</b>	<b>10</b>
1. 1 Lucas - Autor do Evangelho, destinatários, estilo literário e conteúdo.....	10
1.1.1 Destinatários do Evangelho .....	12
1.1.2 Estilo literário .....	13
1.1.3 Conteúdos exclusivos .....	14
1.2 Estrutura do Evangelho .....	15
1.3 Contexto das comunidades de Lucas.....	16
1.4 Temas sociais do evangelho: Os excluídos: mulheres, pobres, doentes, pecadores ..	16
1.4.1 As mulheres.....	17
1.4.2 Pobres, pecadores, doentes e excluídos .....	19
1.5 Temas teológicos em Lucas.....	21
1.5.1 O Espírito Santo .....	21
1.5.2 Oração de Jesus .....	22
<b>2 VIDA E MISSÃO DE JESUS .....</b>	<b>24</b>
2.1 As estruturas do tempo de Jesus .....	24
2.2 A identidade e a origem de Jesus .....	25
2.3 Nomes e Títulos de Jesus.....	28
2.4 Maria, Mãe de Jesus. ....	29
2.5 A proclamação de Jesus e sua prática pedagógica .....	32
2.6 Paixão e morte de Jesus.....	34
<b>3 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE JESUS RESSUSCITADO NO CAMINHO DE EMAÚS EM LUCAS 24,13-35.....</b>	<b>37</b>
3.1 Interpretações da Ressurreição e as aparições do Ressuscitado .....	37
3.1.1 Aparições do Ressuscitado.....	39
3.2 As Características Pedagógicas de Jesus no Caminho de Emaús .....	40
3.2.1 A interpretação de Lc 24,13-35 em perspectiva pedagógica .....	41
3.2.2 Um desconhecido aproxima-se e caminha com os discípulos (v. 15-16).....	41
3.2.3 Jesus escuta a realidade dos discípulos e dialoga com eles (v. 17-24).....	43
3.2.4 O resgate da memória, e a interpretação das Escrituras (v. 25-29).....	44
3.2.5 Jesus celebra com os discípulos e dá-se a reconhecer ao partir o pão (v. 30-32).....	45
3.2.6 Os discípulos assumem o compromisso e voltam à comunidade (v. 33-35) .....	46
3.3 Experiências pastorais a partir da Metodologia de Emaús .....	47
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>48</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>1</b>

## INTRODUÇÃO

Sobre o assunto deste trabalho (Jesus e os discípulos de Emaús), muito já se escreveu. Algo novo poderá ser dito sobre esse texto? Cabe lembrar aqui o que disseram os críticos literários e historiadores a respeito da leitura e do significado de um livro:

“O significado de um livro não está determinado em suas páginas; é construído por seus leitores. O que faz da Bíblia um livro contemporâneo de todas as épocas não é apenas a beleza de sua poesia, a sabedoria de seus pensamentos, a riqueza de seus mitos ou de sua metafísica, nem o valor instrutivo de suas narrativas ou o mistério singularmente novo e antigo de seu estilo límpido; o que faz dela um livro sempre contemporâneo é, sem dúvida, a possibilidade praticamente infinita de sua atualização”.<sup>1</sup>

Um livro, assim como um texto bíblico, possui uma reserva infinita de sentido. É isso que nos animou a trabalhar sobre a perícopes de Jesus e os discípulos de Emaús (Lc 24.13-35). A grande interrogação que está na origem deste trabalho, que me acompanha no cotidiano e me deixa inquieta é: Qual é a causa fundamental da violência que grassa na sociedade de hoje e que cria a síndrome do medo, apesar da multiplicidade e proliferação de igrejas, doutrinas e seitas? Nunca a Palavra de Deus foi tão apregoada como em nossos dias, e o mundo continua, essencialmente, um mundo sem coração, imerso na violência. Mais do que de pregadores, o mundo necessita de testemunhas que vivem o que pregam. A beleza do nosso falar consiste na concordância do nosso agir. Somos testemunhas daquilo que pregamos.

No texto mencionado de Lucas, assim suspeitamos, encontra-se um paradigma para compreender a nossa realidade e para transformá-la. Mais do que isso: encontra-se Alguém que se fez Caminho, deixando marcas de uma prática pedagógica que gera novas relações, que possibilita a convivência pacífica não somente dos seres humanos entre si, mas também dos seres humanos com todo o planeta terra, cuja vida está ameaçada e grita por socorro. Pois também a criação geme e sente dores de parto, aguardando a sua redenção, como diria o apóstolo Paulo.

Lucas aponta para Aquele que é considerado como um dos maiores mestres, educadores e pedagogos de todos os tempos, que mudou os rumos da história, transformou as pessoas que o ouviram e foram por Ele tocadas. Uma perícopes que se destaca nesse

---

<sup>1</sup> DARNTON, R. História da leitura. In BURKE, p. (org.) *A escrita da história: Novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992, p. 226.



contexto é justamente a de Jesus e os discípulos de Emaús, que mostra como o Cristo ressuscitado foi capaz de ajudar os discípulos a compreender e a interpretar a realidade circundante a partir de uma nova perspectiva, devolvendo aos discípulos a esperança por dias melhores.

Para compreender e captar melhor a trajetória do caminho de Jesus com os discípulos de Emaús e perceber nele a sua prática pedagógica, pensamos que é necessário conhecer a realidade contextual em que se desenvolveu o evangelho, assinalar as etapas da caminhada de Jesus com os discípulos e analisar os passos metodológicos que emergem do texto. Assim alguns passos parecem necessários:

- Conhecer o autor do texto e um pouco de sua obra literária;
- Conhecer os personagens principais do texto: Jesus, em sua prática pedagógica, os discípulos de Emaús, o contexto sócio-religioso, político, cultural e econômico das comunidades do tempo em que se sucederam os fatos, confrontando-os com a realidade hoje.
- Captar sua mensagem para o nosso saber, fazer e ser pastoral, como anunciadores da boa-nova, fonte geradora de novas relações de paz, justiça, amor, diálogo, respeito, partilha, para a construção e recriação de uma nova sociedade, onde seja possível a boa convivência entre os seres humanos e o planeta terra.

Este é o sonho que carrego no meu coração e pelo qual luto, todos os dias da vida que o Senhor, bom e fiel, se digna me conceder. Creio que pela força da Palavra de Deus é possível ver acontecer “um novo céu e uma nova terra”.

A estrutura do trabalho está organizada em três capítulos. O capítulo um trata sobre o contexto das comunidades na época de Jesus. Esse capítulo traz uma visão geral do contexto sociopolítico, religioso e social em que viviam as comunidades na época de Jesus. É de fundamental importância conhecer a realidade, pois assim podemos compreender melhor o que está por trás das palavras e ações de Jesus, na convivência com o povo de Israel.

O capítulo dois trata sobre a vida e a missão de Jesus. Focaliza a pessoa de Jesus, sua identidade e características que vão sendo reveladas através de sua missão nas perspectivas das relações interpessoais. O último capítulo consiste numa interpretação de Lc 24,13-35. Esse texto constitui um verdadeiro manual de metodologia, paradigma para toda pessoa que exerce a missão pedagógica. Uma teoria relacionada à prática educativa só

poderá frutificar se as pessoas que a desenvolvem estiverem plenamente convictas e possuídas de muito amor e doação.

Nos meus quarenta e dois anos de docência, trabalhando à luz desses princípios, tive o privilégio de ver os frutos através dos testemunhos e das ações de ex-alunos, registrados no livro de minha autoria intitulado: “Rastros da História de Paranatinga em Fatos e Fotos”.<sup>2</sup>

*“Nada é pequeno quando feito com amor”!*

---

<sup>2</sup>PEDÓ, Albina. *Rastros da História de Paranatinga em Fatos e Fotos*. Cuiabá: Gráfica Multicor, 1992.

## 1 LUCAS E O CONTEXTO DAS SUAS COMUNIDADES

### 1. 1 Lucas - Autor do Evangelho, destinatários, estilo literário e conteúdo

Lucas, o autor do terceiro evangelho e do livro de Atos dos Apóstolos, pode ser colocado entre os grandes escritores e historiadores helenistas.<sup>3</sup> Ambos os livros foram escritos para ser uma obra unitária, ou uma obra em dois tomos. O evangelho compreende a história de Jesus, desde o anúncio do nascimento de João Batista até a paixão e ressurreição de Jesus em Jerusalém. O livro de Atos informa sobre a formação das primeiras comunidades em solo judaico e helenista. Conclui com a chegada do apóstolo Paulo a Roma, para onde foi conduzido como prisioneiro para ser julgado pelas autoridades romanas.

Lucas inicia ambos os livros com um prólogo, à maneira dos escritores gregos do seu tempo. No prólogo do evangelho ele presta contas de suas fontes e de seu método de trabalho, além de indicar o objetivo de sua obra (Lc 1,1-4). No prólogo de Atos (1,1-5), ele estabelece uma conexão entre as duas obras, para continuar a relatar a história das comunidades, em continuidade com a história de Jesus.<sup>4</sup> Provavelmente ambos os livros foram escritos para ser uma sequência, posteriormente interrompida pelo evangelho de João. Ele escreveu, aproximadamente, entre os anos 80 a 90, conforme alguns pesquisadores.

Antigos documentos informam que Lucas era originário de Antioquia da Síria, de família pagã e origem grega. Possuía, além do domínio da língua grega que aprendera na infância, também uma boa cultura, como mostram os seus escritos.

Exercia a profissão de médico, como atesta São Paulo (Cl 4.14), caso se trate realmente da mesma pessoa, como atesta a tradição. Essa tradição apresenta alguns indícios a seu favor. Observou-se que Lucas é mais preciso na descrição de certas doenças. Além disso, ele editou uma informação de Mc 5.25-26, pouco lisonjeira aos médicos, em sua versão deste relato (Lc 8. 43-48). Após converter-se ao cristianismo, conforme a tradição, ele teria se tornado companheiro de viagem e fiel colaborador de Paulo em seu

---

<sup>3</sup> BÍBLIA de Jerusalém. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1985, p.1926.

<sup>4</sup> KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*. V.2, História e Literatura do Cristianismo Primitivo, São Paulo: Paulus, 2005.

ministério apostólico. Proviriam daqui os famosos textos formulados na primeira pessoa do plural no livro de Atos dos Apóstolos (16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; 27.1-28.15). Segundo a tradição, permaneceu solteiro e morreu na Beócia, com a avançada idade de oitenta e quatro anos.

Não se sabe com certeza onde nem até quando o evangelista viveu depois do martírio de S. Paulo.

Naturalmente essa relação entre Lucas e Paulo não permanece incontestada na pesquisa, sobretudo porque há entre esses dois autores consideráveis diferenças teológicas numa série de temas. Lucas, por exemplo, praticamente não confere o título de apóstolo a Paulo (exceção de At 14,4.14), que este defende ferozmente em algumas de suas cartas.

Em suas viagens, Lucas teria conhecido as igrejas de Jerusalém, Antioquia, Éfeso, Cesareia e Roma. Para compor o seu evangelho, o evangelista utilizou o evangelho de Marcos como fonte literária. Fez uso também de uma fonte de ditos, a fonte Q (do alemão, *Quelle*=fonte), que utilizou conjuntamente com Mateus. Além disso, ele pesquisou nas comunidades junto a testemunhas oculares e ouvintes da época de Jesus.

Com esse propósito Lucas foi encontrar-se com Maria, pois era ela quem sabia quais tinham sido as palavras de exultação que Isabel proferiu quando ela se encontrava grávida e recebeu a visita de Maria, também grávida de Jesus. Maria era ainda muito jovem quando anotou as palavras de Isabel e o cântico de Zacarias, o pai de João Batista, pois estava presente em seu nascimento. Somente Maria relata a conversa do mensageiro de Deus, anunciando que iria ser a mãe de Jesus.<sup>5</sup>

Apesar de trabalhar com fontes, Lucas imprimiu nelas um estilo próprio, evitando, por exemplo, as frases duras de Marcos<sup>6</sup>. A preocupação primordial de Lucas não era a de descrever com precisão os fatos históricos da vida de Jesus, e sim, transmitir a história, a mensagem de salvação. Ele mostra Jesus como o Filho de Deus e Salvador de todos os seres humanos. Ele apresenta as obras e os ensinamentos de Jesus sempre apontando para o caminho da salvação. A abrangência de sua obra é completa, descrevendo a história de Jesus desde o seu nascimento até a sua ascensão. É um relato ordenado em sua disposição e tem atrativos para os judeus e gentios igualmente. Como já indicado, o evangelho é posterior à data da destruição de Jerusalém.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> CURY, Augusto, *Maria, a maior educadora da História: os dez princípios que Maria utilizou para educar o Menino Jesus*. 12ª impressão. Editora Academia de Inteligência. São Paulo – SP, 2010. p. 75 – 76.

<sup>6</sup> FABRIS, Reinaldo. *Os Evangelhos*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

<sup>7</sup> BÍBLIA. Tradução Ecumênica TEB. S. Paulo: Loyola, 1994, p. 1965

### 1.1.1 Destinatários do Evangelho

O Evangelho de Lucas foi escrito para pessoas helenistas, cujas comunidades se achavam espalhadas especialmente pela Grécia, Macedônia e Ásia Menor. Os gregos inventaram a matemática, a ciência e a filosofia; foram os primeiros a escrever histórias em lugar de meros anais; especularam livremente sobre a natureza do mundo e as finalidades da vida, sem que se achassem acorrentados a qualquer ortodoxia herdada. Foi para este público que Lucas descreveu a vida e a obra de Cristo, o Homem e o Salvador Perfeito. Lucas o descreveu como um homem cheio de simpatia para com toda a humanidade, Salvador de todas as pessoas, sem distinção de qualquer espécie.<sup>8</sup> Nos dois volumes de sua obra, Lucas dedica seu trabalho a um homem de nome Teófilo (Lc 1,3; At 1,1). A dedicatória a Teófilo talvez seja um reconhecimento a quem pode ter financiado a sua pesquisa e a publicação de seus livros. No entanto, é também possível que Teófilo seja uma referência a todos os leitores do Evangelho e de Atos, pois a palavra significa “amigo de Deus”. Teófilo e os leitores estão recebendo essa obra para descobrir a misericórdia de Deus no caminho de seguimento ao projeto libertador do Reino.

Um dos elementos que nos fazem ver as comunidades helenistas como as destinatárias é o fato de Lucas insistir no universalismo da missão de Jesus, que veio para todos, não apenas para os judeus. Além de não reproduzir Marcos 7,24-30, texto que mostra Jesus priorizando o povo judeu, Lucas faz questão de dizer que Cristo é luz das nações (2,32) e faz remontar a genealogia de Jesus a Adão (Lc 3,23-38), pai de todos os seres humanos, diferentemente de Mateus, que coloca o Messias como sendo descendente de Abraão (Mt 1,1-2), pai do povo de Israel. Lucas estende sua genealogia até Adão, para mostrar que Jesus veio para toda a humanidade (3,38). Em Lucas, Jesus aparece relacionado com a raça humana, daí sua genealogia chegar até Adão, pai da humanidade.

O Evangelho quer trazer luzes sobre alguns problemas fundamentais, consequência da diversidade de classe e de cultura, típica de comunidades urbanas. Por outro lado, quer questionar as comunidades que reproduzem as relações de opressão da sociedade escravocrata, que legitimava a divisão entre ricos e pobres. O objetivo do Evangelho era o de fortalecer a fé de todos os crentes, além de reagir aos ataques dos

---

<sup>8</sup> DIAS, J. *Estudo do Evangelho segundo Lucas*. Disponível em: <<http://www.santovivo.net/gpage213.aspx>>. Acesso em: 30 nov.2011.

incrédulos contra Jesus. Lucas queria demonstrar que Jesus mesmo fundamenta o lugar ocupado pelos gentios convertidos ao projeto do Reino de Deus.<sup>9</sup>

### 1.1.2 Estilo literário

A redação do evangelho se caracteriza pela excelência literária, por pormenores históricos e pelo modo caloroso e sensível de apresentar Jesus e os que com Ele conviviam. Lucas tinha excelente domínio da língua grega. Seu vocabulário é amplo e rico, e seu estilo muitas vezes se aproxima do grego clássico. No evangelho aparecem diferentes gêneros literários, tais como:

**Histórias de milagres.** Exemplo: Ressurreição do filho da viúva de Naim (7,11-17); cura da mulher possuída por um espírito de doença (13,10-17); cura de um hidrópico (14,1-6); cura dos dez leprosos (17,11-19), todos os textos exclusivos do evangelista.

**Apotegmas:** A pecadora perdoada (7,36-50); Maria e Marta (10,38-42); exaltação à mãe de Jesus (11,27-28); partilha da herança (12,13-14), resposta a Herodes (13,31-33), Zaqueu (19,1-10).

**Ditos:** Ensinaamentos sociais de João (3,10-14), execração dos ricos (6,24-26), declarações escatológicas (10,18-20; 12,49-50; 17,20-21). Lugar de honra numa festa (14,7-14), fazer amigo com o dinheiro da iniquidade (16,9), predições sobre a destruição de Jerusalém (19,39-44), convite ao arrependimento (13,1-5), as duas espadas (22,35-38).

**Analogias, parábolas, histórias exemplares (todas no contexto da narrativa de viagem):** O bom samaritano (10,29-37), o amigo importuno (11,5-8), o rico insensato (12,13-21), o pagamento do servo (12,47-48), a figueira estéril (13,6-9), construção da torre e declaração de guerra (14,28-33), a moeda perdida (15,7-10), o pai que tinha dois filhos (15,11-32), o administrador infiel (16,1-13), o homem rico e Lázaro (16,19-31), a recompensa do servo (17,7-10), o juiz iníquo (18,1-8), o fariseu e o publicano no templo (18,9-14).

---

<sup>9</sup> BERNARDINO, Orides. *Casa, espaço de acolhida e libertação para as primeiras comunidades cristãs*. Disponível em: <[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_arquivos/1/TDE-2011-03-22T094843Z-247/Publico/bernardino\\_o\\_tmp146.PDF](http://tede.est.edu.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2011-03-22T094843Z-247/Publico/bernardino_o_tmp146.PDF)>. Acesso em: 25 nov.2011.

**Inserções na narrativa da Paixão:** Palavras a Pedro (22,31-32), Jesus perante Pilatos (23,6-16), as mulheres de Jerusalém (23,27-31), os dois malfeitores crucificados (23,32. 33b.39-43).

**Lendas:** Promessa do nascimento de João Batista (1,5-23), anunciação (1,26-38), o nascimento de João Batista (1,57-66.68), a natividade de Jesus (2,1-20), a circuncisão de Jesus (2,21-40), Jesus no templo aos doze anos (2,41-52).

**Histórias de epifania:** A pesca milagrosa (5,1-11), a caminho de Emaús (24,13-35), ascensão (24,50-53).

**Materiais hínicos:** O *Magnificat* (1,46-55), *Benedictus* (1,68-79), o Cântico de Simeão (2,29-32).

Entre os gêneros citados, o que mais se destaca é o das parábolas, nas quais Lucas mostra sua arte como narrador. Embora alguns desses materiais possam ter existido originariamente em aramaico, Lucas consegue reproduzi-los em grego, num estilo narrativo natural.<sup>10</sup>

### 1.1.3 Conteúdos exclusivos

Graças às pesquisas e investigações feitas por Lucas, podemos conhecer fatos importantes a respeito do nascimento de João Batista e de Jesus, bem como as únicas informações disponíveis sobre a infância de Jesus (Lc 1-2). Apenas Lucas registra os cânticos de Zacarias e Maria. Apenas Lucas narra a visita dos pastores, a circuncisão e apresentação de Jesus no templo de Jerusalém. Nesse evangelho aprendemos que, como menino, Jesus se desenvolveu naturalmente (2,40-52). Como criança, Lucas diz que Jesus era sujeito a seus pais (2,51). Somente Lucas narra a visita de Jesus ao templo aos 12 anos.

Vários outros textos são exclusivos do evangelista, mesmo quando eles possuem uma versão paralela, por exemplo, em Mateus: a Genealogia de Jesus (3,23-38), a anunciação a Maria (1,26-38), o nascimento de Jesus (2,1-20), a circuncisão e apresentação no templo (2, 22-39), Jesus menino no templo (2:41-50), a prédica inaugural em Nazaré

---

<sup>10</sup> KOESTER, 2005, p. 332 – 335.

(4.16-30), a pesca maravilhosa (5,1-11), a ressurreição da filha da viúva de Naim (.,11-17), além de quase todas as perícopes da viagem de Jesus a Jerusalém (9,31-19,27). Na narrativa da paixão e ressurreição, um dos poucos textos exclusivos é justamente a aparição do ressuscitado aos discípulos de Emaús<sup>11</sup>.

## 1.2 Estrutura do Evangelho

O Evangelho de Lucas compõe-se de sete seções. As duas primeiras contêm uma apresentação global das duas personagens-chave da história da salvação: João, o Batista, e Jesus, o Messias. João representa o ponto culminante de todo o Antigo Testamento, da Aliança que Deus fizera com o povo de Israel, que se tornou obsoleto ao estabelecer Jesus uma nova aliança com sua morte. Jesus é o homem novo, é o iniciador da nova e definitiva Aliança de Deus com a humanidade. As sete seções são as que seguem.

A **primeira seção (Lc 1,5-2,52)** apresenta, em grandes traços, as duas personagens, insistindo nos respectivos condicionamentos que as cercam e na novidade que trarão.

A **segunda seção (3,1-4,44)** esboça globalmente a missão precursora de João como Batista e a missão libertadora de Jesus como Messias.

A **terceira seção (5,1-6,11)** contém o chamado do Israel histórico, tanto o ortodoxo como o heterodoxo.

A **quarta seção (6,12-9,50)** esboça os traços principais da figura de Jesus.

A **quinta seção (9,51-19,46)**, a mais extensa, é a seção da viagem da Galileia para Jerusalém, atravessando a Samaria.

A **sexta (19,47-21,38)** abarca o período do ensino e a polêmica de Jesus no Templo.

A **sétima seção (22,1-24,53)** descreve a última e definitiva Páscoa de Jesus, o êxodo do Messias<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> WIKIPÉDIA. *Jesus*. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus>>. Acesso em: 28 out. 2011.

<sup>12</sup> RIUS-CAMPS, Josep. *O Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 12-13



### 1.3 Contexto das comunidades de Lucas

Havia muitos problemas sociais nas comunidades para as quais o evangelho de Lucas foi destinado: divisões, pouca partilha, desigualdades entre pobres e ricos, escravos e livres, judeus e não judeus, homens e mulheres, puros e impuros, letrados e analfabetos.<sup>13</sup> Tinha muita gente desanimada, decepcionada, gente querendo deixar a comunidade por não entender a cruz. A comunidade de Lucas era uma comunidade em crise. A partir dessa realidade podemos aprofundar e entender melhor a situação e os acontecimentos em torno dos discípulos de Emaús.

Tanto no evangelho como em Atos, Lucas expõe o percurso do projeto salvífico de Deus, cujo centro é a morte e ressurreição de Jesus. Percorrendo a vida das comunidades no tempo de Lucas, é possível descobrir as questões e preocupações, as exigências e aspirações dos cristãos que estão ao redor de Lucas e para os quais ele redigiu o seu evangelho.

A atitude de Jesus é de acolher a todos e fazê-los experimentar que não estão fora da salvação, mas que Deus ama a todos até os ingratos e maus (Lc 6,35), porque “não são os sãos, mas os doentes que precisam de médico” (Mc 2,17) e a sua “tarefa consiste em buscar o que estava perdido e salvá-los” (Lc 19,10). Jesus não teme as consequências desta solidariedade: é difamado, injuriado, considerado amigo de homens de más companhias, acusado de subversivo, herege, possesso, louco, etc. Mas é através de tal amor e nestas mediações que se sente o que significa Reino de Deus e libertação dos esquemas opressores que discriminam os homens.<sup>14</sup>

### 1.4 Temas sociais do evangelho: Os excluídos: mulheres, pobres, doentes, pecadores

Lucas é o evangelho dos desprezados e dos excluídos. Principalmente as mulheres, os pobres, os doentes, os pecadores são os seus destinatários e protagonistas privilegiados.<sup>15</sup> Jesus cura essas pessoas, toca nelas, come com elas e as perdoa, acolhe e abençoa as crianças. O evangelho nos conta sobre o bom samaritano (10,33-37), o

<sup>13</sup> GALLAZZI, Sandro. *Por uma Terra sem mar, sem templo, sem lágrimas*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998, p. 150.

<sup>14</sup> BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo Paixão do Mundo*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 29-30.

<sup>15</sup> (cf. Lc 4,18; 6,20; 7,22; 10,21; 14,13. 21; 16,19-21; 18,22; 19,80).

publicano (18,13), o filho pródigo (15,11-32), Zaqueu (19,1-10) e o ladrão na cruz (23,39-43). É o evangelho do misericordioso Filho de Deus, que oferece salvação a toda humanidade (19,10). Apenas neste evangelho está registrado que Jesus chorou quando contemplou a cidade de Jerusalém. Só ele menciona o Filho de Deus suando sangue no Getsêmani, assim como a sua misericórdia dirigida ao ladrão moribundo na cruz ao lado (23,39-43).

### 1.4.1 As mulheres

Lucas dá grande destaque às mulheres, algo incomum para uma época em que as mulheres eram desprezadas, tanto na cultura judaica como helenista. Ele nos revela que eram as mulheres que sustentavam financeiramente o ministério de Jesus (Lc 8,2-3).

Entre as mulheres mencionadas no evangelho estão: Maria, Isabel, Ana, a viúva de Naim (7,11-17), a pecadora cujo nome não é citado (7,36-50), as mulheres piedosas (8,1-3) que o acompanham até a cruz (23,49.55; 24,10-11), Marta e Maria (10,38-42), a mulher que bendiz a mãe de Jesus (11,27-28), a mulher corcunda (13,11-17), as mulheres de Jerusalém (23,27-31), as mulheres introduzidas por Jesus nas parábolas (15,8-10; 18,1-6), a anunciação do anjo a Maria (Lc 1,26-38), o nascimento de Jesus (2,1-19).

Veremos a seguir algumas das formas de opressão que atingiam as mulheres na época de Jesus. Ela era a maior vítima do sistema de exclusão, sendo oprimida de diferentes formas.

**Para o templo, ela era impura:** Por ser mulher, era proibida de entrar no recinto interno, o recinto sagrado, no qual só podiam entrar os homens e os sacerdotes. As mulheres tinham que permanecer num recinto específico destinado a elas.

**Para o mercado, ela era reprodutora:** No momento em que o judaísmo se abria ao helenismo, ao imperialismo grego e romano, inicia-se o sistema de opressão do latifúndio escravista, que necessitava de mão-de-obra escrava para aumentar a produção e atender as necessidades do mercado. E quem produz a mão de obra é a mulher! A mulher era colocada num processo de reprodução anual, em função da produção da mão-de-obra para o mercado do latifúndio escravista. A dimensão do útero da mulher não era mais o

tamanho da terra do camponês, quando ela gerava 2, 3 ou 4 filhos. Agora o útero tinha a dimensão do latifúndio escravista grego e romano.

**Para a casa, ela era serva inferior:** A casa é do homem e, por isso, a mulher acaba sendo valorizada apenas a partir do homem. Se a mulher está a serviço do homem, se ela o trata bem, se não é charlatã, se obedece ao homem, então é boa. Se não obedece, se fala muito, então é má. A mulher só é valorizada em relação ao homem. Vale se faz bem ao homem; do contrário, não vale nada e passa a ser julgada inferior (Eclo 25,13-26.28).

**Para a teologia, ela era má:** O Eclesiástico chega a dizer uma coisa muito séria que ainda pesa na vida das mulheres de hoje: “Foi por culpa da mulher que entrou o pecado neste mundo. Por culpa dela todos nós temos que morrer” (Ec 25,24). Trata-se, obviamente, de uma visão equivocada, pois a verdade é que por causa da mulher todos nós vivemos. Não há nenhum de nós que tenha nascido sem mãe. Nem Jesus. Além disso, a responsabilidade de Adão pelo pecado foi simplesmente apagada no texto mencionado.<sup>16</sup>

Emile Morim reproduz o que Flávio Josefo escreveu a respeito da mulher:

“A mulher, diz a Lei, é inferior ao homem em todas as coisas. Ela deve obedecer não para se humilhar, mas para ser dirigida, pois foi ao homem que Deus deu o poder”. “Mulheres, escravos (pagãos), crianças” são quase sempre associados nas citações. Recomenda-se aos homens a seguinte prece: “Louvado seja Deus que não me criou mulher”.<sup>17</sup>

Em princípio, a mulher não participava da vida *pública*. Pelo menos na cidade e, sobretudo, no meio de pessoas importantes, as mulheres só podiam aparecer cobertas com um véu. Um homem não devia olhar para uma mulher casada, nem cumprimentá-la. Um homem, sobretudo um aluno dos escribas, não devia falar em público com uma mulher, muito menos com uma mulher estrangeira.

Sob o aspecto *religioso*, a mulher não era igual ao homem. Estava sujeita a todas as proibições da Lei, a todo rigor da legislação civil e penal e, mesmo, à pena de morte. Mas, enquanto os homens deviam observar os mandamentos a serem cumpridos em tempos determinados (por ex.: peregrinar a Jerusalém), as mulheres eram dispensadas desta obrigação. Elas não eram obrigadas a aprender a Lei: “Aquele que ensina a Lei à sua filha, ensina-lhe a devassidão”, diz um dito rabínico. Alguns mestres julgavam que era

<sup>16</sup> GALLAZZI, 1998, p. 89-90.

<sup>17</sup> MORIN, Émile. *Jesus e as Estruturas de seu tempo*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1981, p. 56s.

preferível queimar a Tora (Lei) que ensiná-la às mulheres. As escolas eram reservadas só para os jovens.

As jovens de classe social rica aprendiam o grego. No templo, havia um átrio reservado para as mulheres judias. E elas eram ritualmente impuras durante o período de menstruação e depois do nascimento de um filho: quarenta dias se fosse filho homem, oitenta se fosse mulher.

À mesa, as mulheres não pronunciavam a bênção. Seu testemunho não era válido, salvo em pequenos casos, em que se levava em conta até o testemunho do escravo pagão.

<sup>18</sup> Muito se poderia acrescentar a respeito da situação opressiva e de exclusão da mulher. O tema vai voltar a ser focado no segundo capítulo.

#### **1.4.2 Pobres, pecadores, doentes e excluídos**

Jesus dirige sua evangelização aos pobres,<sup>19</sup> doentes, pecadores e excluídos. Pobres, para Jesus, não são apenas os economicamente necessitados. Pobres são os oprimidos em sentido amplíssimo: os que sofrem opressão e não se podem defender, os desesperançados, os que não têm salvação. Todos os que padecem necessidades, os famintos, os sedentos, os desnudos, os forasteiros, os enfermos, os encarcerados, os sobrecarregados pelo peso, os últimos, os simples, os perdidos e os pecadores. A todos estes, Jesus tenta auxiliar e defender em seus direitos. Isso ocorre particularmente com os doentes, leprosos e possessos, considerados pecadores públicos e, por isso, difamados. Jesus toma a defesa de seu direito e mostra que a doença não precisa provir de pecado pessoal ou de seus antepassados, nem ela os torna impuros. Jesus circula com frequência pelas rodas de seus opositores, fixados num conservadorismo legalista e interessados em posições de honra, como os fariseus (Mc 2,13-3,6). Jesus se deixa convidar para as ceias (Lc 7,36ss; 11,37ss), mas não comparte com sua mentalidade. Enquanto come, pode lhes dizer: “Sois uns infelizes, porque tendes vossa consolação” (Lc 6,24).

---

<sup>18</sup> MORIN, 1981, p. 56 – 59.

<sup>19</sup> BOFF, 1977, p.31-32.

Pessoas pobres eram vendidas e reduzidas à escravidão, até saldarem suas dívidas ou mesmo para a sobrevivência. Todas essas pessoas, pelo fato de serem pobres, doentes, pagãs e pescadoras eram consideradas impuras. Sua situação era vista como castigo de Deus, portanto, excluídas da sociedade. A forma para serem admitidas era o pagamento de múltiplos e altos impostos e dízimos.

Quanto à situação dos pescadores, Sandro Gallazzi, em seu livro já citado, conta o seguinte:

O trabalho de pescador é um trabalho impuro. No Antigo Testamento, do começo ao fim, não encontramos hebreus comendo peixes. Só em Esdras e Neemias se fala que em Jerusalém os fenícios vendiam peixe (cf. Ne 13,16). A profissão de pescador não era comum entre os hebreus. Mas no tempo de Jesus há muitos pescadores e muita gente come peixe. Por quê? O latifúndio greco-romano expulsou da terra os antigos proprietários e agora eles não têm como sobreviver e passam a ser pescadores. O pescador é o ex-agricultor que perdeu sua terra e é obrigado a um trabalho que para o hebreu é impuro. Quando Jesus diz a Pedro: lança rede à pesca, e a rede volta cheia ao barco, qual é a reação de Pedro? Ele diz: “Afasta-te de mim, Senhor, que sou um pecador!” (Lc5, 8). Pecador não porque cometeu pecado, mas pela situação impura de ser pescador; por ser obrigado a tocar o pescado impuro, mesmo que seja para jogá-lo fora (Mt 13,47-48)<sup>20</sup>.

Podemos considerar como um dos versículos chaves de Lucas aquele que se encontra em 19.10: “Porque o Filho do Homem veio para buscar e salvar o que se havia perdido”.

---

<sup>20</sup> GALLAZZI, 1998, p. 106.

## 1.5 Temas teológicos em Lucas

### 1.5.1 O Espírito Santo

Lucas realça, em sua dupla obra, a presença do Espírito Santo. Ele destaca a obra do Espírito Santo tanto no ministério de Jesus como na vida das primeiras comunidades. Ele revela que João Batista está cheio do Espírito Santo desde o ventre da mãe (1,15). O Espírito Santo desce sobre Maria, a fim de que ela miraculosamente venha dar à luz o Filho de Deus (1,35). Quando Maria visita Isabel, esta fica cheia do Espírito Santo, exclamando: "Bendita és entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre" (1,42). Quando João Batista nasce, o pai Zacarias fica cheio do Espírito Santo e profetiza (1,67). O Espírito Santo repousa sobre Simeão, e informa-lhe que ele contemplará o Messias antes de sua morte, impulsionando-o para que vá ao templo para ver o menino Jesus (2,25-27). Jesus recebe o Espírito Santo por ocasião do Batismo e foi levado para o deserto para ser tentado (4,1). Jesus anuncia na sinagoga de Nazaré que o Espírito de Deus está sobre ele, habilitando-o a desenvolver o seu programa messiânico (4,16-21). Todo o seu ministério, que Lucas descreve a seguir, acontece a partir deste prefixo. E Jesus, antes de sua ascensão, promete que o Espírito Santo virá revestir os discípulos de "poder" proveniente do alto (24,49), promessa que será cumprida em Pentecostes (At 2).

Em hebraico e grego "espírito" significa ar em movimento, vento. Por isso também é sinal ou princípio de vida (Gn 6,17; 7,15; Ez 37,10-14), a força vital (Jr10, 14), a sede dos sentimentos, pensamentos e decisões da vontade (Ex 35,21; Is 19,3; Jr 51,11; Ez 11,19). Deus é que dá o Espírito e age no homem pelo seu Espírito. O Espírito Santo é também Deus verdadeiro, uma pessoa distinta do Pai e do Filho (Mt, 28,29; Mc 13,11; Jo 14,16; foi prometido e enviado Lc 24,49. O Espírito Santo é o Paráclito, isto é, "advogado" dos cristãos no tribunal do mundo (Mc 13,11)<sup>21</sup>.

Como se vê, o tema do Espírito Santo ocupa um lugar de destaque no evangelho. O Espírito Santo é, nesse evangelho, o *dom* por excelência. Isso também vale para o livro de Atos. Ali Lucas apresenta o Espírito Santo como força que acompanha, conduz e inspira a missão da Igreja, assim como havia estado antes com Jesus.

---

<sup>21</sup> BÍBLIA SAGRADA. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2005, p. 1502.

### 1.5.2 Oração de Jesus

Lucas enfatiza a importância da oração e registra que Jesus orou antes de ocasiões cruciais de seu ministério. Jesus rezava muito. Passava noites em oração (Lc 6,12). Na oração, procurava saber o que o Pai queria dele (Mt 26,39).

Nove orações de Jesus são incluídas nos Evangelhos, sete das quais são encontradas somente em Lucas. Acrescentem-se ainda parábolas sobre oração que são encontradas somente em seu Evangelho.

O povo rezava muito naquele tempo. Todos os dias, de manhã, à tarde e à noite. Desde criança, eles aprendiam os salmos de memória. A mãe ou a avó os ensinava (2Tm 1,5; 3,15). Aos sábados, os judeus reuniam-se na sinagoga para rezar, ler a Bíblia e discutir a vida da comunidade (Lc 4,17).

As orações que Jesus provavelmente rezava todos os dias:

- As 18 bênçãos (de manhã, à tarde e à noite).
- O Shemá, composto de três benditos e três leituras (de manhã e à noite).
- Um bendito ao Deus Criador que cria o povo.
- Um bendito ao Deus Revelador que elege o povo.
- Três leituras:  
Dt 6,4-9 – Receber o Reino  
Dt 11,13-22 – Receber a Lei de Deus.  
Nm 15,37-41 – Receber a Consagração.  
Um bendito ao Deus Salvador que liberta o povo.  
Tudo misturado com Salmos.  
Aprendiam também as histórias da Bíblia. Jesus conhecia muito bem a Bíblia.  
Aprendeu em casa com a mãe e na sinagoga<sup>22</sup>.

Os primeiros cristãos, sobretudo Lucas, conservaram uma imagem de um Jesus orante, que vivia em contato permanente com Pai. Através da oração, Jesus procurava compreender e fazer a vontade do Pai. Passagens onde Jesus aparece rezando:

- Aos doze anos de idade, lá no Templo, na Casa do Pai (Lc 2,46-50);
- Na hora de ser batizado e de assumir a missão (Lc 3,21);
- Na hora de iniciar a missão, passa quarenta dias no deserto (Lc 4,1-2);
- Na hora da tentação, ele enfrenta o diabo com textos da Escritura (Lc 4,3-12);
- Na hora de escolher os doze apóstolos, passa a noite em oração (Lc 6,12);

---

<sup>22</sup> MESTERS, Frei Carlos, *Jesus na contramão*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 21.

- Na hora de fazer o levantamento da realidade e falar da sua paixão (Lc 9,18);
- Diante da revelação do Evangelho aos pequenos: "Pai eu te agradeço!" (Lc 10,21);
- Tem o costume de participar das celebrações nas sinagogas aos sábados (Lc 4,16);
- Reza antes das refeições (Lc 9,16; 24,30);
- Rezando, desperta nos apóstolos a vontade de rezar (Lc 11,1);
- Rezou por Pedro, para ele não desfalecer na fé (Lc 22,32);
- Na crise, sobe ao Monte para rezar e é transfigurado enquanto reza (Lc 9,28);
- Celebra a Ceia Pascal com seus discípulos (Lc 22,7-14);
- Na agonia no horto ele reza: "Triste está minha alma" (Mc 14,34; Sl 42,5. 6);
- Na hora de ser pregado na cruz, pede perdão pelos carrascos (Lc 23,34);
- Na hora da morte, ele rezou: "Em tuas mãos entrego meu Espírito!" (Lc 23,46; Sl 31,6).

A oração do Pai-Nosso, que ele ensinou aos discípulos, é um paradigma sobre o conteúdo da oração. Sua vida era uma oração permanente.



## 2 VIDA E MISSÃO DE JESUS

### 2.1 As estruturas do tempo de Jesus

No tempo de Jesus, o poder religioso estava concentrado nos grupos. Um dos mais importantes eram os fariseus. A palavra significa *separados*. Procuravam observar a pureza (Mc 2,16; 7,3). Pensavam que através da observância da pureza, poderiam ser um povo separado, santo, consagrado a Deus, como queria a Lei de Deus (Ex 19,5-6).

Havia também os *escribas*, também chamados *doutores da lei*. Eles eram os especialistas na lei e encarregados do ensino. O povo reconhecia a autoridade dos escribas.

O povo reconhecia também o poder dos *sacerdotes*. A maioria deles vivia em Jerusalém, longe da Galileia. Eles eram encarregados do culto no Templo. Eram os sacerdotes que sacrificavam o cordeiro pascal no Templo, para o povo comer nas casas, na Páscoa. Era para o Templo que o povo devia levar o dízimo e as outras taxas e ofertas para pagar suas promessas (Dt 26,1-4; Lc 2,22-24). Quando Jesus curou o leproso, falou para ele: Vai mostrar-te e ao sacerdote, e paga a ele a taxa que Moisés prescreveu (Lc 5,14). Só o sacerdote podia dar alta ao leproso e declará-lo curado (Lv 14,1-5).

Sobre as crenças, o povo achava que as doenças eram causadas por maus espíritos. Por isso havia gente especializada em expulsar demônios (Lc 11,19; Mt 12,27; Mc 9,38). Achava também que qualquer sofrimento ou doença era castigo de Deus (Lc 13,2). Certo dia, lá em Jerusalém, caiu uma torre e matou dezoito pessoas. O povo dizia: “Castigo de Deus” (Lc 13,4). Jesus ajudou seus discípulos a enxergar o acontecimento não como castigo pelos pecados cometidos, e sim como uma fatalidade que poderia atingir a qualquer um (Lc 13,3. 5).

Apesar do controle que os escribas e fariseus exerciam sobre o povo, este mantinha sua liberdade e seu bom senso.

O povo galileu tinha costumes diferentes dos outros povos das cidades vizinhas que eram pagãs e nelas havia grandes centros comerciais. Exemplo: Damasco, Tiro, Sidônia e outras. A palavra “Galileia” significa “distrito”. Distrito dos Pagãos!

Em 734 antes de Cristo, a Galileia foi ocupada pela Assíria e seus habitantes foram levados para o cativeiro (2Rs 15,29). Doze anos depois, em 722, quando houve o

cativeiro do povo da Samaria, outros povos foram colocados naquela região. Foi daí que surgiram os samaritanos.<sup>23</sup> Por isso, os do sul confundiam os galileus com samaritanos.

Em geral não se considerava normal a convivência com outros povos. Mas Jesus, andando por esses lugares, conversava com todas as pessoas. Jesus reconhecia o valor e a fé de pessoas que não eram judias. Apesar de viver misturado com os pagãos, o povo da Galileia não perdeu sua própria identidade (2Rs 17,24-28). Jesus também conversou com a samaritana, mas ao mesmo tempo lhe diz: “A salvação vem dos judeus” (Jo 4,22).

## 2.2 A identidade e a origem de Jesus

O nome Jesus era comum entre os judeus.

Pela etimologia O nome **Jesus** vem do hebraico ישוע Yeshua que significa "Jeová (YHVH) salva". Foi também descrito por seus seguidores como Messias (do hebraico משיח mashíach, que significa ungido e, por extensão, escolhido<sup>1</sup> cuja tradução para o grego, Χριστός (Christós), é a origem da forma portuguesa Cristo.<sup>24</sup>

Jesus também é conhecido como Jesus de Nazaré. Ele nasceu em Belém da Judeia, no sul (Mt 2,1), foi criado em Nazaré da Galileia, no norte (Lc 4,16). Falava o aramaico com sotaque de judeu da Galileia. Era visto como judeu pela samaritana (Jo 4,9), e como galileu pelos judeus da Judeia (Mt 26,69.73).

Centenas de anos antes do nascimento de Jesus, os profetas de Israel anunciaram a vinda de um Messias, da linhagem do rei Davi. Jesus se apresenta como Messias, embora não cumpra as expectativas nele depositadas. A família de Jesus, portanto, não era sacerdotal como a de Zacarias, pai de João Batista (Lc 1,5). Jesus não pertencia ao clero que cuidava do templo. Não era doutor da lei, nem pertencia ao grupo dos fariseus ou dos essênios. Ele nasceu leigo, pobre, sem a proteção de uma classe ou de uma família poderosa. A família de José era migrante, vinda de Belém da Judeia (Lc 2,4) para onde veio em busca de melhores condições de vida. Jesus aprendeu a profissão de seu pai (Mt 13,55) e servia ao povo como carpinteiro (Mc 6,3).

<sup>23</sup> Cf. sobre os samaritanos, SAULNIER, C.; ROLLAND, B. *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 84s.

<sup>24</sup> WIKIPÉDIA. *Jesus*. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus>>. Acesso em: 8/11/11.

Antes de nascer, Jesus já era vítima do sistema político e econômico. Augusto, o Imperador de Roma, mandou fazer um recenseamento em vista da reorganização administrativa e da cobrança dos impostos (Lc 2, 1-3). Jesus nasceu fora de casa (Lc 2,4-7). Logo depois de nascido foi perseguido pela tirania de Herodes (Mt 2,13). Exatamente como Moisés, o primeiro libertador do povo!<sup>25</sup>

Jesus passou trinta anos no anonimato, em Nazaré, cidade sem importância (Jo 1,46)! Lá ele viveu aprendendo em casa com a família e na comunidade com o povo (Lc 2,52). Esta foi a escola de Jesus. Foi lá que ele aprendeu a conviver, a rezar e a trabalhar. A escola de Jesus era também (e, sobretudo) a sua vida de intimidade com Deus, seu Pai. Veio salvar a humanidade inteira, e não saiu da Palestina! Veio salvar a História toda, e viveu só trinta e três anos!

Sobre a vida de Jesus em Nazaré os evangelhos informam muito pouco. Marcos e João não dizem nada. Só Mateus e Lucas relatam apenas uns poucos fatos bastante retocados do nascimento e da infância (Mt 1-2; Lc 1-2). Mesmo assim, é possível saber alguma coisa. Indiretamente, todos os quatro evangelistas, sobretudo Marcos, dão informações sobre a vida do povo da Galileia no tempo de Jesus.

Temos ainda as informações de alguns escritores daquela época, sobretudo de Flávio Josefo que viveu na Galileia uns trinta anos depois da morte de Jesus. Temos também o resultado da pesquisa dos estudiosos<sup>26</sup> que informam muita coisa sobre o jeito de viver do povo da época.

A própria geografia da Galileia também oferece informações preciosas. Por exemplo, as montanhas e o lago, por onde Jesus andava com os discípulos, podem ser vistos até hoje. O lugar onde ficavam as cidades de Nazaré, Cafarnaum, Caná, Tiberíades e outras, ainda é o mesmo, mostram até hoje a mesma paisagem.

Juntando todos estes dados é possível obter uma ideia bastante exata de como era a vida de Jesus durante aqueles trinta anos tão importantes, passados no interior da Galileia, antes de começar a sua missão<sup>27</sup>.

Jesus é a figura central do cristianismo. Para a maioria dos cristãos, Jesus é Cristo, a encarnação de Deus e o Filho de Deus, que teria sido enviado à terra para salvar a

---

<sup>25</sup> MESTERS, 1995, p. 9 -11.

<sup>26</sup> Cf. obras como, por exemplo, as de É. MORIN, *Jesus e as estruturas do seu tempo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1982; C. SAULNIER; B. ROLLAND. *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1983 e E. LOHSE. *Contexto e ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.

<sup>27</sup> MESTERS, 1995, p. 15 – 19, 22.

humanidade. Acreditam que foi crucificado, morto e sepultado, desceu à mansão dos mortos e ressuscitou no terceiro dia (na Páscoa).

Também para os adeptos do islamismo Jesus tem alguma importância. Ele é conhecido no idioma árabe como Isã (Jesus, filho de Maria). Os muçulmanos tratam-no como um grande profeta e aguardam seu retorno antes do juízo final.

Embora tenha pregado apenas em regiões próximas de onde nasceu (a região da Judeia, integrada a uma procuradoria romana) sua influência difundiu-se enormemente ao longo dos séculos após a sua morte, ajudando a delinear o rumo da vida de muitas pessoas.

Jesus acolhe tudo o que é autenticamente humano. Aparece nele: ira, alegria, bondade, tristeza, tentação, pobreza, fome, sede, compaixão e saudade. Viver a vida como doação é vivê-la como sacrifício e desgaste para os outros.<sup>28</sup>

Nazaré, na Galileia, onde Jesus viveu até os trinta anos, ficava perto de Séforis, uma cidade romana muito importante, e próxima de uma região de latifúndios greco-romanos. Era região de desempregados que perdiam suas terras e eram obrigados a ficar nas praças, esperando que alguém os contratasse para algum serviço (Mt 20,1-16). O ambiente era de opressão política e religiosa. O povo vivia subjugado por uma interpretação mesquinha da lei e da vontade de Deus.

A força de superação de Jesus lhe vinha da família e da educação que aí recebeu, além da profunda experiência de Deus.<sup>29</sup> Jesus ficou trabalhando e vivendo nessa região como todos os pobres da Galileia por 30 anos, para que ficasse claro que o lugar de Deus é junto ao pobre. Lá está Jesus. Ele vai ficar junto com os pobres até a morte. Vai falar a todos, mas basicamente estará no meio dos pobres, dos enfermos, dos que sofrem. Nós só podemos entender Jesus a partir do lugar que ele ocupou. É esta a mensagem mais importante e a chave de leitura de tudo que Jesus vai fazer.

---

<sup>28</sup> BOFF, 1977, p. 33

<sup>29</sup> GALLAZZI, 1998, p.103- 105

### 2.3 Nomes e Títulos de Jesus

Nos tempos bíblicos, os israelitas geralmente escolhiam os nomes dos seus bebês baseados no caráter ou aparência da criança. Por exemplo: Esaú (cabeludo) e Coré (careca). Alguns bebês recebiam certos nomes devido a algum incidente durante o seu nascimento ou alguns nomes eram baseados em algum desejo ou oração dos pais, como no nome de Zacarias (Deus se lembrou). Algumas vezes os bebês recebiam o nome de um objeto do dia-a-dia, como Tamar (palmeira) e Tabita (gazela). Os pais muitas vezes nomeavam seus filhos de acordo com o horário do dia em que nasceram. Por exemplo: Saaram (madrugada), Hodes (lua nova). A condição da mãe também frequentemente inspirava um nome: Lia (exausta) e Mali (doente). Jesus recebeu o seu nome como realização de profecia. Mateus 1,20-23 diz: "E, projetando ele isso, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, pois o que nela se gerou é do Espírito Santo; ela dará à luz um filho, a quem chamarás Jesus; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. Ora, tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, o qual será chamado Emanuel, que traduzido é: Deus conosco."<sup>30</sup>

Entre os principais títulos atribuídos a Jesus, podemos destacar dois: Senhor e Filho do Homem. Senhor, no Novo Testamento, é um termo usado como uma saudação para honrar um homem importante. Os discípulos usaram esse termo para saudar Jesus como seu mestre. Mas nas comunidades helenistas também é um título que revela a dignidade divina de Jesus, já que assim Javé era denominado na tradução grega do Antigo Testamento (Septuaginta).

Quanto a Filho do Homem <sup>31</sup>, era o título que Jesus gostava de usar para si. Vem do Antigo Testamento. Ele aparece numa das visões apocalípticas, em que o profeta Daniel descreve os impérios dos babilônios, dos medos, dos persas e dos gregos. Depois desses reinos anti-humanos, aparece o Reino de Deus, que tem a aparência não de um animal, mas sim de "um Filho de Homem". É um reino com aparência de gente, um reino humano, que promove a vida(Dn 7,13-14).

---

<sup>30</sup> *Nomes de Jesus- Distinção*. Disponível em: < <http://www.allaboutjesuschrist.org/portuguese/nomes-de-jesus.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

<sup>31</sup> MESTERS, 1995, p. 107 e 108.

A figura do Filho do Homem que recebe o poder e o reino representa o Povo de Deus. Diz a explicação que Daniel recebe: “O reino, o império e a grandeza de todos os reinos que existem debaixo do céu serão entregues ao Povo dos Santos do Altíssimo. A missão que o Filho do Homem recebe é a missão de todo o Povo de Deus. E consiste em realizar o Reino de Deus, que é um reino humano, reino que não persegue a vida, mas a promove.

Nos evangelhos se encontra 70 vezes a expressão Filho do Homem; dessas, 36 vezes constam no Evangelho de Lucas. Numa passagem, diante do Sinédrio, Jesus afirma: “Desde agora o Filho do Homem estará sentado à direita do Poder de Deus” (Lc 22,69). Sentar-se-á como Juiz supremo no tribunal de Deus para condená-los. Jesus, ao reafirmar-se neste momento crucial como Filho do Homem, proclama o caráter do ser humano como imagem de Deus e solidariza-se com todos os homens que, ao longo da história, serão acusados igualmente.<sup>32</sup>

## 2.4 Maria, Mãe de Jesus.

O tema central desse trabalho é Jesus: conhecer quem é esta pessoa que marcou e mudou a história da humanidade partindo de uma nova prática de relacionamento em que todos os seres humanos são revestidos de igualdade em direitos e justiça.

Certo dia, Jesus ia com os seus discípulos, para os povoados de Cesareia de Filipe, e no caminho lhes perguntou: “Quem as pessoas dizem que eu sou”<sup>33</sup>?

Perscrutando os Evangelhos, com ênfase o de Lucas, no qual a presença de Maria é marcante, concluí que a face humana de Jesus é reflexo da sua Mãe.<sup>34</sup>

Nas bibliografias lidas para a elaboração deste trabalho, veio-me ao encontro a de Augusto Cury, Maria, a maior educadora da História.<sup>35</sup>

---

<sup>32</sup> RIUS-CAMPS, 1995, p. 337. 350 .

<sup>33</sup> Cf. Mc 8,27.

<sup>34</sup> PEDÓ, Albina. *Face Humana de Jesus, Reflexo de Maria*. (Retiro de 30 dias, 1992)

<sup>35</sup> CURY, 2010, (contracapa) Cury é médico, psiquiatra e psicoterapeuta, pós-graduado em psicologia social. Desenvolveu durante mais de vinte anos a Teoria da Psicologia Multifocal. É um dos autores mais lidos do Brasil nos últimos anos. Já publicou 25 livros. Sua obra tem sido editada em mais de 50 países, adotada em diversas universidades e usada em teses de pós-graduação em múltiplas áreas. É membro de honra da

Havia milhares de candidatos, mas uma jovem destacou-se diante do olhar do Autor da existência”. Seu nome: Maria. Ela tornou-se a mulher mais famosa da História. A única exaltada em dois livros sagrados, a Bíblia e o Alcorão. Entretanto, sua personalidade continua sendo uma das mais desconhecidas. Quem foi Maria? O que ela tinha de especial? Agora a Psicologia, a Psiquiatria e a Pedagogia avaliam sua personalidade e, em especial, os dez princípios que utilizou na educação do menino Jesus. Não é uma análise nem católica nem protestante, mas investigativa. O resultado? Surpreendente. Descobriu-se que a inteligência de Maria era fascinante e sua capacidade de ensinar, deslumbrante. “Os princípios utilizados pela mãe de Jesus são uma fonte de lucidez para a educação moderna.”<sup>36</sup>

Jesus veio para salvar os seres humanos, fez-se igual a um deles, menos no pecado. A trajetória da experiência humana Jesus a iniciou no sacrário do útero materno, no qual permaneceu nove meses.

Sabemos da importância e influência que a mãe exerce na formação da nova vida durante os meses de gestação, no seu útero.

As características da dimensão humana Jesus as herdou da mãe. Ele foi concebido após Maria ter pronunciado o seu *sim*, e o *faça-se conforme a tua vontade*, ó Pai (Lc 1,38).

Aqui temos o registro das primeiras palavras de Jesus: “E ele lhes disse: Por que é que me procuráveis? Não sabíeis que eu devia estar na casa do meu Pai?” (Lc 2.49) É a primeira vez que Jesus revela sua divindade e o compromisso primordial da sua missão: Ocupar-se com a vontade do Pai.

Veremos abaixo algumas características humanas de Jesus, que são reflexos da atitude de Maria:

---

Academia de Sobredotados no Porto, em Portugal e *doutor honoris causa* pela Universidade Filadélfia (Unifil).

<sup>36</sup> CURY, 2010 (contra-capá).

Características de Jesus.	Reflexos de Maria
<p><b>Jesus orava e agradecia ao Pai.</b>  <i>Naquela mesma hora Jesus sentiu-se inundado de alegria no Espírito Santo e disse: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque Escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos”. Sim, Pai, porque foi do teu agrado.</i>  <i>( Lc 10, 21)</i></p> <p><i>Jesus ensina e explica as escrituras.</i>  <i>( Lc 24,27)</i></p> <p><i>Jesus caminha com os seus discípulos.</i>  <i>(Lc 24, 15)</i></p>	<p><i>No Magnificat, Maria exalta e louva ao Senhor numa explosão de alegria dizendo: “Minha alma engrandece o Senhor e rejubila meu espírito em Deus, meu Salvador”.</i></p> <p><i>Maria guardava todas as palavras em seu coração. (Lc 2,51)</i></p> <p><i>Maria percorre um longo caminho, ao encontro de Isabel. (Lc 1,39)</i></p>

Avançando na pesquisa, encontraríamos outros paralelismos, como princípios fundamentais que Maria utilizou para educar o menino Jesus<sup>37</sup>.

O *Magnificat* de Maria é uma síntese magnífica do comportamento de Jesus quando adulto. Lucas destaca em seu Evangelho que o menino Jesus crescia não apenas em estatura, mas em sabedoria (Lc 2,52). O menino cresceu sem privilégios sociais, mas com grandes privilégios intelectuais. Não se sentou nos bancos de uma escola clássica, mas fez reuniões fantásticas com sua mãe na escola da existência.

Estudar a personalidade de Jesus pode nos fazer enxergar prováveis características de Maria que nunca nos foram contadas. Maria vivia e ensinava a arte da contemplação da natureza. Maria conseguia mais do que admirar a natureza, ela a contemplava. Contemplar, se deixar encantar, se envolver. No processo educacional do menino Jesus, a contemplação da natureza era um item fundamental.

---

<sup>37</sup> CURY, 2010. p. 42- 58.



## 2.5 A proclamação de Jesus e sua prática pedagógica

Conforme Lucas, a atividade pública de Jesus inicia com sua visita a Nazaré, onde fora criado (Lc 4.16-30). Segundo seu costume, ele entrou num sábado na sinagoga local e se levantou para fazer a leitura das Escrituras. Deram-lhe o livro do<sup>38</sup> profeta Isaías. Abrindo o livro, deu com a passagem onde se lia: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para anunciar a boa-nova aos pobres; enviou-me para proclamar aos aprisionados a libertação, aos cegos a recuperação da vista, para por em liberdade os oprimidos, e para anunciar um ano da graça do Senhor“ (Is 61.1-2).

Jesus fechou o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se. Os olhos de todos os presentes na sinagoga se fixaram nele. Então começou a falar-lhes: “Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabais de ouvir“. Este texto serve como um programa para a atividade de Jesus. Tudo o que o evangelho descreve a partir daqui desdobra, de algum modo, aquilo que foi esboçado na sinagoga de Nazaré.

Os principais temas da pregação de Jesus foram, de acordo com os Evangelhos, o anúncio do Reino de Deus, o perdão divino dos pecados e o amor de Deus. Expostos, entre outros, nas inúmeras parábolas e ações de Jesus, no Pai-Nosso, nas Bem-aventuranças e na chamada regra de ouro. Jesus resumiu também "toda a Lei e os Profetas" do Antigo Testamento em apenas dois mandamentos fundamentais, a saber: "Amar a Deus de todo coração, de toda alma e de todo espírito e ao próximo como a ti mesmo". ( Mt 22,37-39).<sup>39</sup>

A pedagogia de Jesus está implícita em seus ensinamentos e na realização da sua missão. Os Evangelhos não deixam entrever, de maneira alguma, que Jesus tenha frequentado as aulas de algum mestre célebre.<sup>40</sup>

De onde lhe vem a sua sabedoria e a capacidade de comunicar de forma convincente a sua mensagem? Ele fala sem títulos. Sua autoridade lhe vem do alto e da coerência que se pode observar entre aquilo que prega e faz. Além disso, ele falava a partir de experiências diárias. Jesus usava exemplos muito simples para se fazer compreender. Além disso, argumentava a partir das Escrituras, procurando sempre a vontade de Deus

<sup>38</sup> MORIN, 1981, p.145.

<sup>39</sup> <WIKIPÉDIA. *Jesus*. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus>>. Acesso em: 28.out.2011.

<sup>40</sup> MORIN, 1981, p.14.

expressa em seus textos. A mensagem de Jesus é comunicada pela sua práxis, através da palavra e ações libertadoras.

“Durante o dia ensinava no templo, mas passava as noites no relento, no monte chamado das Oliveiras. E todo o povo madrugava junto com ele no templo, para ouvi-lo” (Lc 21,37-38). Repetem-se nesse texto temas importantes: a dedicação plena ao ensino, o templo como lugar onde Jesus o administra, o povo em massa como ouvinte e aliado. A informação de que passava a noite ao relento é consequência da perseguição de morte de seus adversários e sinônimo de clandestinidade. Seus adversários estão representados pelos três segmentos de poder: religioso (chefes dos sacerdotes), intelectual (os escribas) e civil (os chefes do povo), como já vimos. Estes há tempo se puseram de acordo para eliminar Jesus, pois o seu ensino atentava contra os seus privilégios e interesses.

O que sustenta a mensagem e a práxis de Jesus é sua profunda experiência de Deus: não era mais o Deus da Torá, distante e rígido, mas o Deus-Pai de infinita bondade, bom para com todos (Lc 6,35b).

Em Jesus se destacavam as qualidades da compaixão, paciência, sensibilidade, amabilidade, respeito pela dor dos outros, num nível que nos deixa embaçados. Seu método de ensinar era a partir da realidade dos seus ouvintes: falava através de parábolas e imagens que todos entendiam. Além disso, Jesus aposta no amor como força transformadora das relações:<sup>41</sup> Amar o Senhor Deus com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças e com todo entendimento; além disso, amar o próximo como a si mesmo, como ilustra a parábola do bom samaritano (Lc 10.25-37).

As pessoas se aproximavam de Jesus porque ele não as via por sua condição racial, social ou de gênero, e sim, como irmãos e irmãs, com direitos iguais e responsabilidades iguais. Ele as olhava com amor.

As suas relações eram de inclusão, a começar pelas pessoas mais excluídas, vítimas de toda sorte de opressão, a exemplo das mulheres, como já descrevemos em item anterior. Ele não só pregou a integração, mas praticou e assumiu o papel de integrador. Deixou-se anunciar pelas mulheres, cuja missão era ir e convencer as pessoas de que ele havia ressuscitado (Lc 24,9-11). Tocava os doentes, os leprosos, sem se tornar impuro. Comia com os pecadores. Enfim, toda prática pedagógica de Jesus era regida pelo

---

<sup>41</sup> JONES, Laurie Beth. *Jesus, o maior líder que já existiu*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006, p. 89 ss.

princípio e atitude do amor. Devolveu dignidade às pessoas, o respeito e o direito à igualdade.

Termino esse item aqui com a célebre frase:

O que você ensinar agora, em cada palavra e ação, permanecerá indelével nos corações e nas mentes daqueles cujas vidas você toca, tanto agora como no futuro. Os rumos do amanhã são decididos hoje. Não aprendemos ainda a mais básica das lições humanas, a mais básica Sabedoria espiritual, não temos ouvido a Deus, e, porque não O ouvimos, vemo-nos fazendo coisas impiedosas. Peça a Deus orientação e conselho, inspiração e força, paz interior e profunda Sabedoria. Proporcione ao outro aquilo que você deseja para si mesmo<sup>42</sup>.

## 2.6 Paixão e morte de Jesus

A encarnação de Jesus foi um longo processo. Começou com o Sim de Maria (Lc 1,38) e terminou com o último Sim de Jesus na hora da morte: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito!” (Lc 23.46).

Lucas foi o evangelista que escreveu sobre a vida de Jesus, desde a concepção, a infância até a ascensão ao céu. Jerusalém, no evangelho, se torna o centro para o qual tudo converge. O Evangelho começa e termina em Jerusalém (Lc 1,3. 24,52s). Duas vezes Jesus é conduzido a Jerusalém durante a infância (Lc 2,27-38; 2,41-50) e ali termina sua terceira tentação (Lc 4,9-12). Mais da metade do evangelho é colocado na perspectiva da viagem a Jerusalém (Lc 9,51-19,28), onde Jesus deve morrer (Lc 13,33; 18,31-34). À medida que Jesus se encaminha para a morte, obediente à vontade do Pai, prepara os discípulos (Lc 9,60; 10,3-16; 17,22-25) em vista da missão após sua ressurreição.<sup>43</sup>

A vida de Cristo, desde o seu primeiro momento, foi um abraçar a morte com toda a coragem e hombridade de que alguém é capaz. Ele era totalmente vazio de si para poder ser cheio dos outros e de Deus. Ele assumiu a vida mortal e a morte que ia se armando dentro de seu compromisso, de profeta ambulante, e de Messias libertador dos homens. É neste contexto que precisamos refletir sobre a morte de Cristo e seu significado redentor.<sup>44</sup>

<sup>42</sup> LAMA, Dalai. *Mensagem do Dalai Lama*. Disponível em: < <http://www.teosofia-liberdade.org.br/index.php/arquivos/44-artigos/132-mensagem-do-dalai-lama-.html>>. Acesso em: 12 dez.2011.

<sup>43</sup> BÍBLIA SAGRADA. Petrópolis: Vozes, 2005.p. 1218

<sup>44</sup> BOFF, 1977, p. 34.

Conforme Leonardo Boff, em seu livro *Paixão de Cristo, Paixão do Mundo*, a morte de Jesus foi a consequência de suas atitudes e de seus atos no dia a dia, que vinham importunando as autoridades e eram contrárias às leis, enquanto as multidões se aglomeravam para ouvi-lo. Jesus foi julgado como sendo um grande perturbador. A inveja foi se aninhando nos corações de seus adversários, que o aniquilaram. Fizeram com Jesus o mesmo que aconteceu com tantos profetas que vieram antes e depois dele.

Jesus colocou os valores por ele pregados acima da própria conservação da vida, em fidelidade ao projeto libertador e salvífico e em profunda obediência ao Deus de infinita bondade e amor para com todos os seres humanos, especialmente os ingratos e pecadores.<sup>45</sup>

Nos evangelhos, Jesus anuncia três vezes a sua morte. Ele apresenta a sua morte como consequência da sua luta contra todas as autoridades do sistema religioso judaico. Jesus quis ensinar que o reino de Deus era diferente de todo sistema religioso. Por ter ensinado isso, Jesus devia morrer: ele estava destruindo tudo o que fazia a vida das elites de Israel. A morte de Jesus foi o ato final de toda a perseguição dirigida contra ele pelas autoridades de Israel.

Nos evangelhos, a perseguição ocupa um lugar importante: ela faz parte da vida dos discípulos. Esta doutrina tem a sua origem na experiência da perseguição radical que levou Jesus até a morte infamante da cruz. Com o grande avanço da tecnologia da medicina, em pleno século vinte e um, o mundo recua diante da cruz de Cristo. Esta traz à lembrança o medo, sofrimento, até mesmo a morte.

O valor da morte de Jesus veio da sua fidelidade até o fim. Jesus morre por fidelidade à sua missão, apesar da perseguição, e não para oferecer um sacrifício. A morte de Jesus não é o último sacrifício, mas o que suprime todos os sacrifícios. A morte de Jesus não pode ser o preço que é preciso pagar para que Deus possa perdoar os pecados ou conceder os seus favores. No entanto, desde bem cedo, teólogos de todas as denominações ensinaram que Jesus morreu para oferecer ao Pai a satisfação que Ele exigia para poder perdoar. Era preciso dar a Deus uma compensação e a morte de Jesus seria essa compensação. Esta teologia faz de Deus um ente monstruoso que exige uma morte para poder perdoar. Não se consegue compreender como, durante quase toda a história cristã,

---

<sup>45</sup> BOFF. 1977, p.37-38.

quase todos os cristãos afirmaram essa aberração, inclusive muitos entre os melhores teólogos.

Os evangelhos não insinuam nada que permita dar à vida de Jesus um sentido de morte entendida como sacrifício. Ora, desta maneira a vida de Jesus perde todo o seu sentido humano para ser espiritualizada como ato religioso.

Todos os atos de Jesus e as palavras relatadas pelos evangelhos convergem para um mesmo sentido: mostrar um modelo de vida humana dentro do reinado de Deus. A sua morte foi a confirmação de toda a sua vida. Foi um ato de afirmação total do caminho escolhido.<sup>46</sup>

Jesus não ensinou uma doutrina, mas mostrou na sua vida o que era o caminho. Esse caminho tem valor universal, e, por isso, Jesus não está ligado a nenhuma cultura ou nenhuma religião.

Vários teólogos e biblistas, como os mencionados nas notas anteriores, apresentam a morte de Jesus sob o mesmo ponto de vista. Uma nova versão é dada: não mais como sacrifício pela expiação pelos pecados da humanidade, mas sim como consequência de seus atos ao longo de sua vida, afirmação total do caminho por ele escolhido. E mostrar um novo modelo de vida a partir da prática pedagógica de Jesus, na perspectiva de novas relações humanas, sinal da presença do Reino de Deus no meio de nós.

---

<sup>46</sup> COMBLIN, José. *A oposição entre o real e o simbólico*. DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny (Org.) Profecia e esperança – Um tributo a Milton Schwantes. São Leopoldo: Oikos, 2006, p.379 -380.

### **3 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE JESUS RESSUSCITADO NO CAMINHO DE EMAÚS EM LUCAS 24,13-35**

O capítulo três se propõe a fazer uma interpretação da prática pedagógica do Jesus ressuscitado a caminho de Emaús, no processo histórico e salvífico, a partir dos últimos acontecimentos de sua trajetória. Essa constitui a parte mais importante desse trabalho.

Esse capítulo está esquematizado a partir dos seguintes itens: Interpretações da Ressurreição e as aparições do Ressuscitado; as características pedagógicas de Jesus na perspectiva do relacionamento, a partir da caminhada de Jesus com os discípulos de Emaús; experiência pastoral a partir da metodologia do Emaús.

#### **3.1 Interpretações da Ressurreição e as aparições do Ressuscitado**

Depois da morte de Jesus, os discípulos abandonam Jerusalém (Lc 24,13) e se dispersam. Estão possuídos de medos e tristeza, não conseguem crer nas pessoas (Lc 24,11). Estão mais mortos do que o próprio Jesus. Morreu neles a esperança. Foram três anos muito bonitos, muito ricos, mas, no fim, não deram em nada. Uma frustração a mais a ser superada! “Nós esperávamos, mas...” (Lc 24,21). O sonho acabara, nem o anúncio das mulheres lhes devolveu a esperança.<sup>47</sup>

Jesus ressuscita em sua inteira realidade humana, portanto, também corporalmente. Mas sua corporeidade pertence a uma nova esfera. Quando estiverem convencidos do fato e tiveram aprendido a reconhecer seu novo modo de presença, Jesus partirá. Pode tomar a figura de antes, visando à identificação, e pode mostrar-se em outra figura, como caminheiro desconhecido, como jardineiro (Jo 20,15), como desconhecido na praia (Jo 21,4).<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> DREHER, A. Carlos. *A caminho de Emaús* Leitura Bíblica e Educação Popular. 6.ed. Série: A Palavra na Vida, Nº 71/72: São Leopoldo: 1993. p. 9

<sup>48</sup> BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2540.

A experiência da ressurreição foi como um raio, como um tremor de terra. Ela aconteceu primeiramente às mulheres (Lc 24,1-11.23), depois, aos discípulos. A ressurreição de Jesus devolveu a esperança. Eles mesmos ressuscitaram!

A ressurreição de Jesus é a confirmação de que, para Deus, a última palavra não é a morte. Jesus, que sempre defendeu a vida (At 3,15), foi morto pelos poderes deste mundo, mas Deus o ressuscitou! Vida vivida como Jesus a viveu, em obediência ao Pai e a serviço do povo, é vida vitoriosa. Deus a ressuscita! Esta é a mensagem central do Evangelho em torno da qual surgiram as comunidades.<sup>49</sup> Crer na ressurreição é voltar para Jerusalém, de noite, reunir a comunidade e partilhar as experiências, sem medo dos judeus e dos romanos (Lc 24,33-35). É receber a força do Espírito Santo, abrir as portas e anunciar a Boa Nova à multidão (At 2,4). É ter a coragem de dizer: “É preciso obedecer antes a Deus que aos homens” (At 5,29). É reconhecer o erro e voltar para a casa do Pai: “Teu irmão estava morto e voltou a viver” (Lc 15,32). É sentir a mão de Jesus ressuscitado que, nas horas difíceis, nos diz: “Não tenhas medo! Eu sou o Primeiro e o Último. Sou o Vivente. Estive morto, mas eis que estou vivo para sempre. Tenho as chaves da morte e da morada dos mortos” (Ap 1,17s).

Fé na ressurreição é crer que Deus é capaz de tirar vida da própria morte (Hb11,19). É crer que o mesmo poder, usado por Deus para tirar Jesus da morte, opera também em nós e nas nossas comunidades, através da fé (Ef 1,19-23).

A ressurreição é essencial para a fé de um cristão. Existem várias razões que levam aqueles que estudam a ressurreição a crerem que ela é verdadeira:

**PREDITA:** Primeiro Jesus predisse sua morte e ressurreição, e elas aconteceram exatamente como ele previu (Lc 18,31-33).

**O TÚMULO VAZIO:** Segundo, a ressurreição é a única explicação plausível para seu túmulo vazio.

**ENCONTRO PESSOAL:** Terceiro, a ressurreição é a única explicação para as aparições de Jesus Cristo aos seus discípulos. Após a sua ressurreição, Jesus apareceu pelo menos 10 vezes àqueles que o haviam conhecido e para outras 500 pessoas de uma só vez. O Senhor provou que estas aparições não eram alucinações: Ele comeu e falou com eles e eles O tocaram.

**O NASCIMENTO DA IGREJA:** Quarto, a ressurreição é a única explicação razoável para o início da Igreja Cristã. A Igreja Cristã é de longe a maior instituição que existe ou tem existido na história do mundo. Mais da metade do primeiro sermão pregado tinha a ver com a ressurreição (Atos 2:14-36). Obviamente, a igreja primitiva sabia que esta era a base de sua mensagem. Os inimigos de Jesus e Seus seguidores poderiam tê-los impedido a qualquer tempo, simplesmente apresentando o corpo de Jesus.

**VIDAS TRANSFORMADAS:** Quinto, a ressurreição é a única explicação lógica para as vidas transformadas dos discípulos. Eles o abandonaram antes da sua ressurreição; depois da sua morte estavam desencorajados e cheios de medo. Eles não contavam com a ressurreição de Jesus (Lc 24,1-11) Após a sua ressurreição foram transformados pelo grandioso poder do Cristo ressuscitado.

---

<sup>49</sup> MESTERS, 1995, p. 126.

Muitos perderam as suas vidas por sua fé; outros foram terrivelmente perseguidos.

**UM SENHOR VIVO:** Por causa da ressurreição de Jesus, seus verdadeiros seguidores possuem uma relação vital e pessoal com o Senhor vivo. Jesus Cristo está vivo, abençoa e enriquece fielmente as vidas de todos os que Nele confiam e obedecem.<sup>50</sup>

Até hoje, a ressurreição acontece. Ela nos faz experimentar a presença libertadora de Jesus na comunidade, na vida de cada dia, e nos leva a cantar: “Quem nos separará, quem vai nos separar, do amor de Jesus, quem nos separará”? A experiência da ressurreição abre os olhos para entendermos o significado da Sagrada Escritura (Lc 24,25-27.44-48) e ajuda a entendermos as palavras e gestos do próprio Jesus (Jo 2,21-22; 5,39; 14,26)

Com a força que vem da fé na ressurreição, as comunidades enfrentam hoje a ameaça do caos e da morte e contribuem para que o mundo seja um lugar favorável à vida. Uma comunidade que quiser ser testemunho fiel da Boa Nova da Ressurreição deve ser sinal de vida, deve lutar pela vida contra as forças da morte, sobretudo aqui na América Latina, onde a vida do povo corre perigo por causa do sistema de morte que nos foi imposto<sup>51</sup>.

### 3.1.1 Aparições do Ressuscitado

Lucas é o único a mencionar, primeiramente, que as mulheres não acham o corpo de Jesus e com isto ficam desorientadas. Lucas destaca as mulheres como testemunhas protagonistas da ressurreição de Jesus. Pode-se observar que o interesse de Lucas não é o túmulo vazio, mas o anúncio da ressurreição de Jesus dado na proximidade do túmulo. O grupo das mulheres, que assistiu na tarde da sexta-feira à deposição do corpo de Jesus no túmulo e que fez a provisão de óleos e perfumes, vai cedo na madrugada do domingo para lá. É aí que as mulheres têm a desorientadora revelação da nova realidade de Jesus: o túmulo aberto, a ausência do corpo de Jesus. Nesse clima de perplexidade e interrogações,

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://www.biblegateway.com/passage/?search=Lucas241-11&version=37>>. “Acesso em:” 18 nov. 2011.

<sup>51</sup> MESTERS, 1995, p. 127.



intervém a revelação celeste, diante dos dois homens, qualificados pelas suas vestes fulgurantes como seres celestes (Lc 24,23).

Por que dois anjos em Lucas, enquanto Marcos e Mateus falam de um só? Um testemunho válido e autorizado requer o depoimento concorde de duas ou três pessoas (cf. Dt 19,15). Porém, o que importa não é a cenografia, mas a mensagem agora comunicada, que é o núcleo central de toda a fé cristã.<sup>52</sup>

Duas mulheres são as primeiras criaturas encarregadas pelo anjo a divulgar a boa notícia da Ressurreição de Jesus. É bom considerar que naquele tempo e naquela cultura o testemunho de uma mulher quase nada valia. Ninguém dava crédito a elas. “Um anjo do Senhor desceu do céu, rolou a pedra e disse às mulheres que Jesus havia ressuscitado. E acrescentou: Ide depressa e dizei aos discípulos que Jesus Ressuscitou dos mortos” (cf. Mt. 28, 2ss).

Que a alegre e boa notícia dada pelas mulheres aos discípulos nos anime e nos encoraje. O próprio Jesus Ressuscitado aparece a elas, dizendo: “Alegrai-vos! Não tendes medo!” (Mt 28, 9s).<sup>53</sup>

### 3.2 As Características Pedagógicas de Jesus no Caminho de Emaús

Começamos a interpretação do texto com o significado do nome “**Emaús**”<sup>54</sup>. A palavra tem origem hebraica e significa *águas quentes*. O significado do nome “*Emaús*” tem tudo a ver com o evento. Os dois discípulos tinham perdido o calor do seu amor pela causa que haviam abraçado. Viram e sentiram que tudo se havia desmoronado e fracassado. Foi em Emaús (*Águas Quentes*), que seus corações voltaram a se abrasar.

Ao seguir as pegadas de Jesus por este caminho de Emaús, junto aos dois discípulos, encontramos os passos metodológicos de seu relacionamento interpessoal, núcleo deste trabalho. Nesse encontro percebe-se com muita clareza que Jesus se revela a cada um, de acordo com sua realidade, na hora oportuna. Na trajetória de Jerusalém a Emaús, juntamente com os dois discípulos podemos caracterizar esse percurso como o

<sup>52</sup> FABRIS, 1998. p. 24)

<sup>53</sup> SARAIVA, Geovani. *Dois mulheres e o túmulo vazio*. Disponível em: <<http://www.oarcanjo.net/site/index.php/reflexao/duas-mulheres-e-o-tumulo-vazio/>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

<sup>55</sup> BOYER, Orlando. *Pequena enciclopédia bíblica*. 3. Ed. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1969, p. 268.

caminho metodológico para o “ser” e o “fazer” evangelização em todos os seus passos. Jesus andou com eles, conversou, criou um ambiente de abertura e teve a paciência de escutá-los.

### 3.2.1 A interpretação de Lc 24,13-35 em perspectiva pedagógica

Lucas inicia seu evangelho dizendo: “*Muitos já tentaram compor a história do que aconteceu entre nós... Depois de acurada investigação de tudo desde o início, também a mim pareceu conveniente escrevê-la.* (Lc 1,1.2b)”. Trazendo esta passagem para a atualidade, percebi em minha acurada pesquisa que muitos tentaram compor a história do que aconteceu naquele caminho, naquele encontro dos “*dois mais um*”. Depois de acurada investigação de tudo desde o início, também eu tentei interpretar a mencionada passagem.

Lucas, na sua aguçada capacidade de pesquisa, talvez tenha se encontrado ao longo do caminho da vida com os dois peregrinos de Emaús. O relato está descrito com muita habilidade, clareza e atratividade, a ponto de fazer com que o leitor se perceba caminheiro com os três peregrinos. Vamos acompanhar, passo a passo, a prática pedagógica de Jesus, fincando estacas para sinalizar as etapas do percurso. Depois da breve introdução ao relato (v. 13-14), as etapas são as que seguem abaixo.

### 3.2.2 Um desconhecido aproxima-se e caminha com os discípulos (v. 15-16)

“*Ora, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles.*”<sup>55</sup> *Seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo.*”<sup>56</sup>

As duas palavras chaves, geradoras do princípio metodológico é a atitude de *aproximar-se* e *de caminhar com os discípulos*.<sup>57</sup> O aproximar-se e caminhar com a pessoa

<sup>55</sup> BIBLIA de Jerusalém. Os dois discípulos de Emaús. Lc 24,15. Paulinas, São Paulo: 1973: p. 1977. O texto original (grego) diz: *Pôs-se a caminhar com eles.*

<sup>56</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM. (Lc 24,16), p. 1977. O texto original é: “.impedidos de reconhecê-lo”.

revela interesse, é um gesto e uma estratégia para criar um clima e uma relação de amizade.

Jesus colocou-se lado a lado, caminhou com eles, primeiramente numa atitude de profunda escuta. Entre todas as características de um pedagogo, a fundamental, por excelência, o princípio de sabedoria, é a prática do “saber escutar”. Jesus não permaneceu alheio aos sentimentos dos discípulos. Pôs-se a ouvir e a inteirar-se da causa da tristeza, dos medos e desânimos deles. Tudo isso, enquanto caminhava com eles. Fez-se companheiro, peregrino, igual como um deles.

Muito oportuno citar aqui a frase de um grande pedagogo: “Mais importante que cursos de ‘oratória’, são cursos de ‘escutatória’”.<sup>58</sup> As pessoas são carentes de alguém que saiba ouvi-las, sem partir para despejar-lhes seus conhecimentos e aconselhamentos. Não é correto partir para a doutrinação. É preciso respeitar o processo.

*Seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo* (v.16). A nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém, no item o da p.1977, traz a seguinte interpretação:

Nas aparições narradas por Lc e Jo, os discípulos não reconhecem o Senhor no primeiro instante, mas somente após uma palavra ou um sinal (cf. Lc 24,30s.35.37.39-43); Jo 20,14.16.20; 21,4.6-7; comparar Mt 28,17). A razão disso é que, permanecendo inteiramente idêntico a si mesmo, o corpo do Ressuscitado encontra-se num estado novo, que modifica sua forma exterior (Mc 16,12) e o liberta das condições sensíveis deste mundo (Jo 20,19). Quanto ao estado dos corpos gloriosos, cf. 1Cor 15,44+.<sup>59</sup>

Existem situações em nossa vida que permanecem na memória. O tempo não consegue apagar. Deixam marcas, tanto positivas como negativas, alegres ou tristes. Conversamos com aqueles que estão em sintonia conosco sempre de novo sobre o mesmo assunto. O caminho dos dois discípulos de Emaús parece a volta da visita a um cemitério. Aquele em quem colocaram toda confiança para conseguir melhores condições não está mais nesta terra. Tudo acabou. O que fica é isto: “Nunca vamo-nos esquecer dele!” Ele continua presente só na memória. Falam sobre ele. Mas por isso mesmo aquele estranho pode se manifestar. E os dois começam a escutar o que ele lhes diz. Também nós às vezes

<sup>57</sup> SCHOLZ, Wilson; BRATCHER, Roberto G. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004, p.336. Em Lc 24,15, em vez de “pôs-se acompanhá-los” diz: “caminhava com eles”

<sup>58</sup> ALVES, Rubem. *Curso de escutatória*. Disponível em: <<http://questionar.wordpress.com/2009/07/21/curso-de-escutatoria-%E2%80%93-rubem-alves/>>. Acessado em 29 de nov. 1999.

<sup>59</sup> **BÍBLIA** de Jerusalém. Lc 24,16, letra de referência (o) p. 1977.

queremos fugir, porque não entendemos mais nada. O desespero está tomando conta de nós. No entanto, o que parece ser o terminal, pode ser também o ponto de partida.<sup>60</sup>

### 3.2.3 Jesus escuta a realidade dos discípulos e dialoga com eles (v. 17-24)

(v. 17) Ele lhes disse: “Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando?” Eles pararam, com o *rosto sombrio*<sup>61</sup> (entristecidos).

(v. 18) Um deles, chamado Cléofas, lhe perguntou: “Tu és o único *forasteiro*<sup>62</sup> (habitante) em Jerusalém que ignora os fatos que nela aconteceram nestes dias?”

(v. 19) “Quais?”, disse-lhes ele. Responderam: “O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obra e em palavra, diante de Deus e diante de todo o povo:

(v. 20) nossos *chefes* dos sacerdotes e nossos *chefes* (líderes) o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram.

(v. 21) Nós esperávamos que fosse ele quem iria *redimir* (libertar) Israel; mas, com tudo isso, faz três dias que todas essas coisas aconteceram!

(v. 22) É verdade que algumas mulheres, que são dos nossos, nos assustaram. Tendo ido  *muito cedo* ao *túmulo* (de madrugada ao sepulcro)

(v. 23) e não tendo encontrado o corpo, voltaram dizendo que tinham tido uma visão de anjos a declararem que ele está vivo.

(v. 24) Alguns dos nossos foram ao *túmulo* (sepulcro) e encontraram as coisas tais como as mulheres haviam dito; mas não o viram!”<sup>63</sup>

Procuro, dentro do possível, ser fiel a Lucas, confrontando a tradução com o original, conforme Novo Testamento Interlinear – Grego Português. No parêntesis da palavra em grifo, damos uma alternativa de tradução a partir do texto original grego.

A profunda desesperança impede os discípulos de captar o valor dos recentes acontecimentos ou dos relatos surpreendentes. As mulheres os “alarmaram”, mas não serenaram; os discípulos testemunham apenas uma ausência (v.22-24).

Jesus pergunta, conscientemente, para que, pela resposta, saia o que está corroendo por dentro. A pergunta de Jesus é sempre atual, dirigida a cada um, assim como ele deu origem à confissão de Pedro (Lc 9,18). Cléofas reconhece Jesus como um dos antigos profetas (24,19). Ele responsabiliza somente as autoridades pela morte de Jesus. Ao dizer “entregaram e crucificaram”, insinua a intervenção do poder romano. Os

<sup>60</sup> ALBERS, Eduardo. *3º domingo da Páscoa Lc 24,13-35*. Disponível em: <[www.franciscanosmapi.org.br/?page=ler&id=3245](http://www.franciscanosmapi.org.br/?page=ler&id=3245)> Acessado em 25 nov. 2011.

<sup>61</sup> SCHOLZ, 2004, p.337. Lc 24,17: em relação às palavra “rosto sombrio”, no original diz: “entristecidos”.

<sup>62</sup> No original é “*estrangeiro*”.

<sup>63</sup> Os textos transcritos são da Bíblia de Jerusalém.

discípulos esperavam que Jesus fosse o libertador e restaurador de Israel em termos políticos, de independência nacional. Não é que fosse um falso profeta, mas fracassou em seu empenho.

No entanto, mais grave que a figura dissimulada de Jesus é a cegueira dos discípulos, cegueira de quem não espera de novo o amigo que morreu. Contudo, o aceitam como companheiro de viagem.

### 3.2.4 O resgate da memória e a interpretação das Escrituras (v. 25-29)<sup>64</sup>

(v. 25) Ele, então, lhes disse: “*Insensatos* (tolos) e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram!

(v. 26) Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?”

(v. 27) E, começando *por* (de) Moisés e *por* (de) todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito.

(v.28) Aproximando-se do *povoado* (aldeia) para onde iam, Jesus *simulou* (deu a impressão) que ia mais adiante.

(v, 29) Eles, porém, *insistiram*, (e o constrangeram) dizendo: “*Permaneça* (*fica*) conosco, pois cai a tarde e o dia já declina”. Entrou então para ficar com eles.

Lucas mostra como Jesus leva esses discípulos, que perderam a fé nele em consequência do escândalo da cruz (v.18.21), a recobrar a esperança pela interpretação das Escrituras (v.25-27). Eles só serão capazes de reconhecê-lo (v.31), quando Jesus os tiver introduzido, pelas Escrituras, no mistério da sua morte e ressurreição. Eles não tinha tido ainda a experiência de ressurreição Os dois discípulos vêm no desconhecido um peregrino da Páscoa. A esperança dos discípulos foi frustrada por causa da condenação de Jesus pelas autoridades de Israel e da crucificação. Ela o foi também pelo fato de que, três dias após a cruz, Deus continuava não intervindo em favor do profeta crucificado.<sup>65</sup>

E começa a grande aula pascal sobre a Escritura. Jesus morto e ressuscitado será doravante a chave de compreensão da Escritura, que desvelará seu sentido profundo. “Tinha de” significa que era desígnio do Pai. Jesus tinha de beber a taça e mergulhar num batismo mortal. Mas tinha também de ser glorificado.<sup>66</sup> O texto mostra que não basta a

<sup>64</sup> CLAR/CRB. *PELO CAMINHO DE EMAÚS*. Loyola, 4 ed. São Paulo:2001. p. 19-22.26-30.48-49.64-68. (v.17)

<sup>65</sup> BÍBLIA, Tradução Ecumênica, TEB. São Paulo: 1994. p. 2033-2034

<sup>66</sup> SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2540.

compreensão das Escrituras, nem basta partir juntos o pão. A palavra, o pão e a profissão de fé, são os três sinais de reconhecimento do Senhor.

Jesus, através do uso da Bíblia, suscitou neles uma profunda mudança de vida, da separação para o reencontro, da fuga para o enfrentamento, da morte para a vida.<sup>67</sup> Jesus explicou-lhes as Escrituras desde Moisés até os profetas. Jesus usa a Bíblia toda na sua conversa com os discípulos.

Lucas não deixa de mencionar a atitude de Jesus na expressão: “*Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram* (v. 25) Há quem diga que nesta expressão se trata de uma atitude provocativa, com a intenção de acordar os discípulos de sua apatia, de sua falta de perspectivas diante da situação, ou seja, uma chamada de atenção, visando lembrá-los do que lhes foi transmitido, nos anos que Jesus convivera com eles.<sup>68</sup> Jesus mostra que nas Escrituras é possível encontrar luz e força para superar a tristeza e o medo que se havia apoderado deles.

### **3.2.5 Jesus celebra com os discípulos e dá-se a reconhecer ao partir o pão (v. 30-32)**

(v. 30) E, uma vez à mesa (*reclinar-se à mesa*) com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois o partiu e distribuiu-o a eles.

(v.31) Então seus olhos se abriram e o reconheceram; ele, porém, ficou invisível diante deles.

(v. 32) E disseram um ao outro: “Não *ardia* (queimando) o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?”

Em Lucas, a refeição toma forma de liturgia eucarística: bênção, fração e partilha do pão; não se menciona o vinho. O alimento partilhado lhes abre os olhos, revela-lhes a identidade do caminheiro, a vida do ressuscitado, o sentido da instrução e interpretação das Escrituras.

A interpretação da vida e da Bíblia agradou tanto, que o coração dos dois se esquentou, e eles chegaram a convidá-lo para o jantar. Ficou com eles, sentou à mesa, rezou com eles e fez a partilha do pão, como se tornou costume entre os cristãos que tinham tudo em comum. Jesus não só falou, mas colocou gestos bem concretos de

<sup>67</sup> BÍBLIA Sagrada. Vozes, 2005. p.16.

<sup>68</sup> DREHER, 1993, p. 22

amizade. Ora, tudo isso é o ambiente da comunidade, onde se procura viver como irmão. É aí que se faz a experiência da ressurreição, do Cristo vivo no meio de nós (v. 28-32).<sup>69</sup>

### 3.2.6 Os discípulos assumem o compromisso e voltam à comunidade (v. 33-35) 70

(v. 33) Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém. *Acharam (encontraram)* aí reunidos os onze e seus companheiros,  
 (v.34) que disseram: “É verdade! O Senhor *ressuscitou* (foi ressuscitado) e apareceu a Simão!”  
 (v. 35) E eles narraram os acontecimentos do caminho e como o haviam reconhecido na *fração do pão* (partir o pão).

A experiência e a notícia são muito grandes para ficar com elas. Imediatamente, sem reparar os sessenta estádios de distância nem a escuridão da hora, os discípulos regressaram a Jerusalém (v.33). Venceram o desânimo e voltaram para Jerusalém, onde estavam os poderes que, matando Jesus, tinham matado neles a esperança. Mas eles já não os temiam. Neles estava a força maior, a força da vida que vence a morte.

Quando a Palavra de Deus e o Pão se tornam vida partilhada, aí acontece o milagre da mudança. Tudo se transforma: os olhos se abrem; as pessoas mudam; a cruz, vista como sinal de morte e de desespero, torna-se sinal de vida e esperança; a coragem reaparece; as pessoas se unem, se reencontram e começam a partilhar entre si a sua experiência de ressurreição. Os dois discípulos começam a reler a sua própria caminhada e descobrem que tudo começou quando Jesus falava com eles sobre a vida e sobre a Bíblia; a fé se afirma, a esperança se renova e o amor abre novos caminhos.<sup>71</sup>

<sup>69</sup> BÍBLIA Sagrada. Vozes, 2005. p.17.

<sup>70</sup> DREHER, 1993, p. 9. 13-15.20-23.47-49.

<sup>71</sup> BÍBLIA Sagrada. Vozes, 2005. p.17.

### **3.3 Experiências pastorais a partir da Metodologia de Emaús**

Tivemos várias experiências focalizadas na prática metodológica de Jesus a partir do texto de Lc 24,13-35 (Os Discípulos de Emaús), seja usando dinâmicas com o envolvimento dos participantes (Bibliodrama, teatro, encenações, círculos bíblicos) ou recursos audiovisuais (data show – PowerPoint, inserindo imagens e músicas relacionadas ao tema em foco). As experiências foram feitas em encontros de formação com grupos de catequistas, professores de Ensino Religioso, em momentos de espiritualidade, nos retiros e celebrações.

O apêndice traz o relatório completo de uma experiência desenvolvida num curso de formação de Ministros da Palavra (catequistas e outros agentes de pastoral). Foi planejada juntamente com alguns membros da equipe de coordenação paroquial onde se realizou o evento. A apostila do curso foi elaborada, revisada e avaliada a partir de cada encontro, juntamente com a contribuição dos/das participantes.

Objetivo era para fazer a memória dos encontros que se sucederam no desenrolar do curso. Estão intercaladas aos conteúdos as conclusões dos trabalhos dos grupos, as dinâmicas, as mensagens ligadas aos textos dos conteúdos. Enfim, é o retrato de tudo o que vivenciamos nos nossos belos e vivenciais encontros com os discípulos de Emaús.



## CONCLUSÃO

Ao chegar à etapa final do trabalho, em que procurei reconstituir a prática pedagógica e transformadora de Jesus, a partir de Lucas 24,13-35, retorno ao ponto de partida, à introdução do trabalho. Posso afirmar, nessa retrospectiva final, que cada parte do percurso foi uma confirmação sucessiva daquilo que constituí como meta do trabalho.

Na introdução constava a pergunta: Em relação ao assunto em pauta, os discípulos de Emaús, muito já se escreveu. Algo novo poderá ser encontrado?

Faço minhas as palavras de Lucas no início de seu evangelho: depois de acurada investigação de tudo, desde o princípio... Encontrei, sim, algo novo na passagem de Lc 24,13. Começo com o significado da própria palavra Emaús, destino final da caminhada dos discípulos com o Cristo ressuscitado. Pesquisei qual seria o significado de Emaús. Fiquei surpresa! Pois em nenhuma literatura havia encontrado resposta a essa pergunta: *Emaús significa Águas Quentes.*

Penso que o significado do nome dessa localidade é emblemático para o conteúdo que se descreve nesse texto. Tem muito a ver com o evento. Os dois discípulos saíram de Jerusalém desanimados, descrentes, sem esperança. Durante o caminho, quando Jesus os acompanha e eles chegam a Emaús (Águas Quentes), seus corações se aquecem. E eles regressam a Jerusalém, transformados! A partir daí, tudo mudou.

Entendo que o objetivo do trabalho foi alcançado. Senti confirmada a minha suspeita de que a Palavra de Deus, a Bíblia, contém uma força de transformação, conseqüentemente, cria novas relações. Essa convicção foi confirmada ao longo da minha própria prática pedagógica de mais de 45 anos de experiência.

As mudanças relacionais foram percebidas na convivência comunitária e nos grupos de trabalho.

A pedagogia de Jesus com os discípulos de Emaús se manifesta em suas atitudes, no percurso do caminho.

Jesus se aproxima... Em silêncio os ouve... Dialoga com eles... Respeita e interroga-os. Aponta as causas de sua cegueira. Resgata a história pela memória.

Aceita o convite, assenta-se à mesa, celebra e partilha com eles.

A prática de Jesus é o ponto de partida de seu discurso.

Concluo dizendo: A Bíblia na vida constitui a força transformadora das relações.

A BÍBLIA FAZ:

Jorrar - *Água Viva*

Germinar - *sementes de Vida Nova*

Recriar relações de - *Paz, Justiça, Amizade, Fraternidade*

Comprometer e assumir - *a defesa à vida*

Proteger - *o meio ambiente*

Aumentar - *a Fé, a Esperança e o Amor*

A BÍBLIA - *dá sentido à vida e devolve a alegria de viver.*

Por tudo isso:

*MÚSICA E BÍBLIA NA CONSTRUÇÃO DAS PESSOAS E DE NOVAS  
RELAÇÕES*<sup>72</sup>

A letra dessa música foi a origem do Projeto e do tema do Mestrado.

Na minha grande busca e contexto, cabe aqui o pensamento de Rosarinho:<sup>73</sup>

**“O mais importante não é saber,  
mas sim, nunca perder a capacidade de aprender.”**

**“FICA COMIGO”**

O dia já vai é tarde, a noite está avançando. O tempo esgotou...

Resta-me dizer: **Mestre, fica comigo!**

**Fica comigo** – todos os dias...

**Fica comigo** – quando vou e volto da missão.

**Fica comigo** – na luta contra as ondas do mar da vida do dia a dia.

**Fica comigo** – quando estiver anunciando a tua Palavra.

**Fica comigo** – quando vêes que meu coração não está mais abrasado por ti.

<sup>72</sup> PEDÓ, Albina. *Música e Bíblia na Construção das Pessoas e de Novas Relações*, Cuiabá: Gráfica e Editora Multicor; 2008. p. 53.

<sup>73</sup> ROSARINHO. Acessível em: < <http://pensador.uol.com.br/autor/rosarinho/>> Acessado em: 30 de nov. 2011.

**Fica comigo** – para viver tudo o que aprendi, ouvi e senti nesse trabalho de pesquisa.

**Fica comigo** – para fazer do teu Projeto, o centro da minha vida.

**Fica comigo** – quando sentir pesada demais a cruz do dever cotidiano.

**Fica comigo** – Para que possa testemunhar-te Vivo – Ressuscitado!

**Fica comigo**- para que possa estar sempre **contigo!**”

## REFERÊNCIAS

- ALBERS, Eduardo. *3º domingo da Páscoa Lc 24,13-35*. Disponível em: <[www.franciscanosmapi.org.br/?page=ler &id =3245](http://www.franciscanosmapi.org.br/?page=ler&id=3245)> . Acesso em: 25 nov. 2011.
- ALVES, Rubem. *Curso de escatologia*. Disponível em: <<http://questionar.wordpress.com/2009/07/21/curso-de-escatologia-%E2%80%93-rubem-alves/>>. Acesso em: 29 de nov. 1999.
- BATTAGLIA, Oscar. *Introdução aos Evangelhos*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BARROS SOUZA, Marcelo. *Nossos pais nos contaram*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BERNARDINO, Orides. *Casa, espaço de acolhida e libertação para as primeiras comunidades cristãs*. Disponível em: <[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_arquivos/1/TDE-2011-03-22T094843Z-247/Publico/bernardino\\_o\\_tmp146.PDF](http://tede.est.edu.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2011-03-22T094843Z-247/Publico/bernardino_o_tmp146.PDF)> . Acesso em: 25 nov.2011.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BÍBLIA SAGRADA. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA/TEB. S. Paulo: Loyola, 1994.
- BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. *A Oração de São Francisco, Uma mensagem de paz para o mundo atual*. 7.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Paixão de Cristo Paixão do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BOYER, Orlando. *Pequena enciclopédia bíblica*. 3. Ed. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1969.
- CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. CRB. *O sonho do povo de Deus*. Coleção Tua Palavra é Vida. V.7. Rio de Janeiro: 1996.
- CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. CRB. *Reconstruir Relações num Mundo Ferido – Uma leitura de Marcos em perspectiva de relações novas*. Brasília: 2008.
- CURY, Augusto. *Maria, a maior educadora da História: Os dez princípios que Maria utilizou para educar o Menino Jesus*. 12ª ed. São Paulo: Academia de Inteligência, 2010.
- CLAR/CRB. *Pelo caminho de Emaús*. Loyola, 4 ed. São Paulo:2001.

COMBLIN, José. *A oposição entre o real e o simbólico*. DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny (Org.) Profecia e esperança – Um tributo a Milton Schwantes. São Leopoldo: Oikos, 2006.

DARNTON, R. História da leitura. In BURKE, p. (org.) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

DIAS, J. *Estudo do Evangelho segundo Lucas*. Disponível em: <<http://www.santovivo.net/gpage213.aspx>>. Acesso em: 30 nov.2011.

DREHER. *A caminho de Emaús*. Série: A Palavra a Vida, Nº 71/72/1993, CEBI- São Leopoldo: CEBI, 1993.

EVANGELHO DE LUCAS. São Paulo: Verbo Filmes (Fita de Vídeo).

FABRIS, Reinaldo. *Os Evangelhos – Volume II*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

FREIRE Paulo, *Ética, Utopia e Educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALLAZZI, Sandro. *Por uma terra sem mar, sem templo, sem lágrimas*. Petrópolis: Vozes, 1998.

JONES, Laurie Beh. *Jesus, o Maior Líder que já existiu*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

KONINGS, Johan. *A Bíblia nas suas origens e hoje*. Vozes, 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2005.

LAMA, Dalai. *Mensagem do Dalai Lama*. Disponível em: < <http://www.teosofia-liberdade.org.br/index.php/arquivos/44-artigos/132-mensagem-do-dalai-lama-.html>>. Acesso em: 12 dez.2011.

LOHSE. E. *Contexto e ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.

MORIN, Émile. *Jesus e as estruturas de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1981.

MORRIS, Leon L. *O Evangelho de Lucas: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983.

MESTER, Frei Carlos, *Jesus na contramão*. São Paulo: Paulinas, 1995.

*Nomes de Jesus- Distinção*. Disponível em: < <http://www.allaboutjesuschrist.org/portuguese/nomes-de-jesus.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

PEDÓ, Albina. *Rastros da história de Paranatinga em fatos e fotos*. Paranatinga: Gráfica Multicor, 2009.

\_\_\_\_\_. *Música e Bíblia na Construção das Pessoas e de Novas Relações*. Cuiabá: Gráfica e Editora Multicor, 2008.

\_\_\_\_\_. *Formação Docente a partir da Prática Pedagógica de Jesus*. Monografia do curso Pós Graduação de formação de Assessores Bíblicos - DABAR, São Leopoldo: 2007.

RIUS-CAMPS, Josep. *O Evangelho de Lucas. O Êxodo do homem livre*. São Paulo: São Paulo: 1995.

RICHARD, Pablo. O Evangelho de Lucas: estrutura e chaves para uma interpretação global do evangelho. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* 44. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROSARINHO. Disponível em: < <http://pensador.uol.com.br/autor/rosarinho/>> Acesso em: 30 de nov. 2011.

SARAIVA, Geovani. *Duas mulheres e o túmulo vazio*. Disponível em: <<http://www.oarcanjo.net/site/index.php/reflexao/duas-mulheres-e-o-tumulo-vazio/>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

SAULNIER, C.; ROLLAND, B. *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1983.

SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.

SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

SOBRINO Jon, S.J. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983.

SCHOTTROFF, Luise. *As Parábolas de Jesus – Uma nova hermenêutica*. São Leopoldo: Sinodal. 2007.

STORNILOLO, Ivo. *Como ler o Evangelho de Lucas: os pobres constroem a nova história*. São Paulo: Paulinas, 1992.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de Metodologia*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

WIKIPÉDIA. *Jesus*. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus>>. Acesso em: 8 de nov. 2011.

## APÊNDICE

### (Experiência pastoral a partir da Metodologia de Emaús)

Foram várias as experiências que realizamos focalizadas na prática metodológica de Jesus a partir do texto de Lc 24,13-35 (Os Discípulos de Emaús). Utilizamos dinâmicas com o envolvimento dos participantes (Bibliodrama, teatro, encenações, círculos bíblicos) e recursos audiovisuais (data show – PowerPoint, inserindo imagens e músicas relacionadas ao tema em foco). As experiências foram feitas em encontros de formação com grupos de catequistas, professores de Ensino Religioso, em momentos de espiritualidade, nos retiros e celebrações. A experiência abaixo relatada foi desenvolvida num curso de formação de Ministros da Palavra (catequistas e outros agentes de pastoral). Foi planejada juntamente com alguns membros da equipe de coordenação paroquial onde se realizou o evento.

Foi descrita aqui, tal como aconteceu, e a fiz constar no relatório do Curso feito por mim, facilitadora do curso. Apenas resumi, de nove encontros para cinco.

### CURSO DE QUALIFICAÇÃO DE MINISTROS DA PALAVRA

#### LOCAL: PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA GUIA DE COXIPÓ DA PONTE/ CUIABÁ/MT



#### A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE JESUS A PARTIR DOS DISCÍPULOS DE EMAÚS

Período: 04, 11, 18 e 25/08 e 01, 08, 15, e 22/09/08  
Carga horária: 16 horas

Facilitadora: Albina Pedó (Ir. Anete)  
E-mail: [albina02@brturbo.com.br](mailto:albina02@brturbo.com.br)  
Fone/fax: (65) 3621-1922

## APRESENTAÇÃO

Esta apostila foi elaborada a partir de cada encontro e contém a contribuição de todos os/as participantes.

Objetivo desta apostila é fazer a memória dos oito encontros do curso, realizados nos dias 4,11, 18, 25 de agosto e 1, 8, 15 e 22 de setembro de 2008. Estão intercaladas aos conteúdos as conclusões dos trabalhos dos grupos, as dinâmicas, as mensagens ligadas aos textos dos conteúdos. Enfim, é o retrato de tudo o que vivenciamos nos nossos belos encontros.

O curso não termina aqui, apenas revelou-nos o longo caminho que ainda nos resta percorrer. A advertência que Jesus dirigiu aos discípulos de Emaús foi: “Vocês não sabem que tudo isso estava previsto e que deveria acontecer? E começou por Moisés e por todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a Ele dizia respeito” (Lc 24,27). Agora, cabe a nós conhecer as Escrituras e interpretá-las aos nossos interlocutores, principalmente tudo o que diz respeito a Jesus. Sentimos o nosso coração arder em muitos momentos, durante as nossas reflexões. Não deixemos que ele esfrie diante dos compromissos que assumimos para com a sua Palavra. Ela é lâmpada para nossos pés e luz para o nosso caminho (Sl 119,105).

Agradeço cordialmente à coordenação do Curso o gesto de ter-me confiado a incumbência de preparar o primeiro grupo de Ministros da Palavra da Paróquia.

Muito Obrigada!  
Albina Pedó (Ir. Anete)



**Sumário****Primeiro Encontro:**

Acolhida, Apresentação dos participantes, Levantamento da realidade.

Leitura do texto: Lc 24,13-35.

**Segundo Encontro:**

Organização do encontro, Reflexão sobre Pai Nosso e sobre a oração oração: Unge-me.

Leitura de Lc 24,13-35. Identificar em grupo, no texto, a metodologia de Jesus.

**Terceiro Encontro:**

Rer o Texto Lc 24,13-35. Detectar o processo metodológico de Jesus no encontro com os discípulos de Emaús. Destacar a importância da Bíblia

Encenação dos discípulos de Emaús. Destaque: O partir do pão.

**Quarto Encontro:**

Mensagem do texto: Lei do Amor, O significado do gesto de Jesus de partir o pão.

Identificar: Qual rosto de Jesus transparece no texto dos discípulos de Emaús.

**Quinto Encontro:**

Apresentação da Metodologia de Jesus e os conteúdos a partir da Bíblia. A importância da Bíblia na catequese.

Em grupos, partilhar as experiências da força da Palavra de Deus em sua vida.

Apresentação dos trabalhos de grupo.

**6º Encontro:**

**As pessoas e suas experiências de Deus: Partilhas.**

**Os conceitos de Deus que as pessoas estão possuídas.**

**AVALIAÇÃO FINAL:**

Em forma de entrevista: Todos preparam uma pergunta avaliativa e, de dois em dois, se entrevistam mutuamente. Avaliar:

Quais os pontos positivos do curso?

O que mais contribuiu para melhorar seu desempenho onde você atua pastoralmente?

Avaliar a facilitadora quanto à metodologia e aos conteúdos, trabalhados: foram satisfatórios?

## **DESENVOLVIMENTO DOS ENCONTROS TEMÁTICOS:**

### **1º Encontro :**

#### **Introdução do Evangelho de Lc 24,13-35**

Primeiro momento: Acolhida através de músicas apropriadas da coleção: *“Bíblia e Música na construção de Novas Relações. (CD 1 – faixa 10: Boas-Vindas)*

Leitura do Texto Lc 24, 13-35.

2º Momento: A partir da metodologia de Jesus, que caminha com os discípulos ouvindo sua

Realidade, fazer a leitura de mundo.

Música de Acolhida: *”Você que está chegando”* (cf. CD 01 – faixa 06) da Coleção: *“Bíblia e Música na construção de Novas Relações “.*

#### **Dinâmica:**

Na área, caminhando espontaneamente, em grupos de três pessoas, duas pessoas falam e uma só escuta, a que faz o papel de Jesus que se aproximou e escutou os dois discípulos. Discorrer sobre as perguntas:

**Plenário:** As pessoas que fizeram o papel de ouvintes falam o que ouviram das duplas nas quais participaram.

O que não vai bem, na catequese? Por quê?

Quais os pontos positivos da catequese na sua comunidade?

Quais os maiores desafios que as famílias encontram hoje, na busca dos valores humanos, éticos, sociais e espirituais?

## **Sugestões para melhorar e incentivar a participação dos interlocutores na catequese e as famílias**

**Canto:** Tua Palavra é lâmpada para os meus pés, Senhor! Lâmpada para os meus pés, Senhor! Luz para o meu caminho (CD 03 – faixa 21 da Coleção: “*Bíblia e Música na construção de Novas Relações*”)

### **Respostas dos grupos no Plenário:**

O interesse das crianças em querer fazer a primeira eucaristia. A responsabilidade do catequista. A participação da família, a falta de visita dos padres ao local onde são realizados os encontros. Desconforto. Conflitos entre catequistas. Conflitos entre catequizandos. Desconhecimento da Palavra de Deus por parte de alguns catequistas. A família, na maioria das vezes, não quer assumir o papel de protagonista da catequese de seus filhos. Muitos deixam à criança ir à igreja, eles, os pais, não procuram nem mesmo participar das reuniões agendadas pela Pastoral da Catequética. Os padres são poucos, portanto não fazem um acompanhamento de perto, como visitas, etc. Não existe infraestrutura para encontros de catequese (quando as igrejas são construídas, se esquecem que ali haverá catequese, festas sociais, além da missa semanal);

Falta unidade entre os catequistas. Cada um quer saber somente de seu grupo (egoísmo puro). Catequizandos com problemas em família (grande parte são filhos de famílias desestruturadas, alguns com pais já no segundo, terceiro ou mais relacionamentos – mal do nosso tempo).

Pouco conhecimento da Palavra de Deus um conhecimento defasado da Palavra, por ignorância de fatos históricos que aconteceram e foram registrados no processo de sua formação. Lembrar como Jesus evangelizava: não existiam prédios, ar condicionado, etc. somente árvores, montanhas, rios, mar, isto é: natureza e, principalmente, vontade de anunciar o reino de Deus.

Alimentar os catequizandos, que muitas vezes chegam sem o jantar ou sem o café da manhã.

Interagir com os pais, dando tarefas para que seja partilhado em família, promover encontros com pais e catequizandos, onde possa ser trabalhado o assunto que está sendo abordado nos encontros.

Orar, Orar... Orar...

Retornamos à sala, e os catequistas, que fizeram papel de Jesus (que só escutaram), foram para frente, falar sobre tudo o que escutaram nos grupos.

Irmã Anete contou que uma catequista de terceira idade, estava com um grupo de catequizandos adolescentes. Falando da Bíblia ela dizia:

“A Bíblia deve ser lida, orada e vivida”.

Se formos analisar esta resposta, veremos que ela contém uma ótima dica metodológica do uso da Bíblia. Outra catequista perguntou às crianças: Quem é Deus? Uma criança de sete anos respondeu:

*“Deus é tão grande, que não cabe no mundo inteiro e tão pequeno que cabe no meu coração”.*

Bem dizia Tereza de Calcutá ao ser entrevistada: *“Quem são os melhores professores”?*

Respondeu: *“As crianças”.*

Terminadas as falas, passamos para a apresentação de um vídeo sobre o evangelho de São Lucas.

Achei interessante, pois nunca tinha participado de um curso bíblico e pude anotar algumas observações:

Algumas considerações importantes de Lc 24,13-53: Lucas é o evangelista que retrata a misericórdia de Deus. Mostra que os conceitos até então existente, de que quem era rico ou saudável, ou lindo, etc. era abençoado por Deus, enquanto que, quem nascia pobre, doente ou escravo era considerado amaldiçoado e merecia estar no lugar que estava. Mostra a vontade de Jesus em romper com estes conceitos, levando a boa nova, através do Seu Filho, o Messias, sob a ação do Espírito Santo;

O capítulo 24 é de fundamental importância para a catequese, pois retrata o perfil que um catequista deve ter diante do seu trabalho: Anunciador do reino de Deus em uma época totalmente diferente daquela, mas com situações tão corriqueiras quanto às vividas por Jesus em sua passagem pela terra.

## 2º Encontro:

### Primeiro momento:

Decisões sobre o curso: Foi escolhida uma secretária para registrar os acontecimentos e todas as atividades que acontecerão no decorrer do curso. Descobriu-se que no grupo havia pessoas talentosas: músicos, cantores, pregadores, animadores, artistas etc. e foi constituída também uma equipe de animação. Decidimos, ainda, que fosse elaborada uma apostila com todos os conteúdos do curso.

Momento de oração:

### PAI NOSSO

*Se em minha vida não ajo como filho de Deus, fechando meu coração ao amor,*

*Será inútil dizer: *Pai Nosso.**

*Se os meus valores são representados pelos bens da Terra,*

*Será inútil dizer: *Que estais no céu**

*Pensa-se apenas em ser religioso por medo, superstição e comodismo,*

*Será inútil dizer: *Santificado seja o vosso nome.**

*Se achar tão sedutora a vida aqui, cheia de supérfluos e futilidades,*

*Será inútil dizer: *Venha a nós o vosso reino.**

*Se no fundo o que eu quero mesmo é que todos os meus desejos se realizem,*

*Será inútil dizer: *Seja feita a vossa vontade.**

*Se preferir acumular riquezas, desprezando meus irmãos que passam fome,*

*Será inútil dizer: *O pão nosso de cada dia nos dá hoje.**

*Se não me importo em ferir, injustiçar, oprimir e magoar aos que atravessam o meu caminho,*

*Será inútil dizer: *Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.**

*Se escolher sempre o caminho mais fácil, que nem sempre é o caminho de Deus,*

*Será inútil dizer: *E não nos deixeis cair em tentação.**

*Se por minha vontade procuro os prazeres materiais e tudo o que é proibido me seduz,*

*Será inútil dizer: *Livrai-nos do mal...**

*Se sabendo que sou assim, continuo me omitindo e nada faço para me modificar,*

*Será inútil dizer: *Amém.**

O resumo da Bíblia está no Pai Nosso, a oração que Jesus nos deixou, porque esta oração fala sobre o amor, a partilha, o perdão, a conversa direta com o Pai.

Foi exibido um slide com uma oração clamando o Espírito Santo, que dizia:

***Unge-me Senhor...***

**Unge minha cabeça** para que todos os meus pensamentos saiam da fonte de Teu ser, para encher-me com graça e paz.

**Unge os meus olhos** para que eu possa enxergar Tua presença e providência claramente.

**Unge meus ouvidos** para que possa escutar os gritos dos pobres em volta de mim e o sussurro de Tua Palavra

**Unge minhas mãos** para ajudar a sarar muitas vidas que estão quebradas. Para que eu possa fazer o bem, fazer o que de novo, para trazer esperança ao desesperado.

**Unge meus pés** para caminhar no Teu caminho, correr e nunca cansar, ficar firme para a justiça!

**Unge meu coração** com calor e compaixão e uma generosidade genuína para todos os necessitados.

**Unge meu espírito** para a missão, para que eu possa estender a mão fora e dentro do coração do mundo inteiro ferido.

**Unge-me para o serviço**, para que eu possa ter coragem de responder, com todo o meu ser, às demandas diárias de Tua graça.

**Ó Deus, Pai e Mãe da criação, Fonte de toda a vida, pela força maternal do Teu Espírito, fecunda os nossos trabalhos no seguimento do Teu Filho Jesus e nos abençoa agora e sempre. Amém! (Ana Roy)**

Cantamos músicas do Espírito Santo e da Bíblia.

**Segundo momento:**

Leitura, comentário e análise do evangelho de Lucas 24,13-35, os dois discípulos a caminho de Emaús.

### **Atitudes de Jesus:**

**Jesus apresenta as características indispensáveis no relacionamento com as pessoas, principalmente no trabalho de evangelização:** Aproximar-se; Caminhar junto; Perceber e respeitar o estado emocional; Mostrar interesse pela tristeza estampada nos dois discípulos; Tomar iniciativa de diálogo (Jesus pergunta sobre o assunto da conversa e por que estão tristes); Ouvir (Jesus escuta os dois sem se identificar ou interromper). Ensinar (Jesus explicava a escritura para eles, desde Moisés até os Profetas.

A causa da tristeza dos dois discípulos: Não conheciam as Escrituras.

Por que Jesus explicou para eles a partir de Moisés?

Moisés é considerado pelos estudiosos o autor da Lei.

### **LEI DE MOISÉS (Conforme o Dicionário Bíblico)**

A Lei de Moisés ou Lei de Deus (Js 24,26) é o conjunto das leis e prescrições religiosas e civis colecionadas nos cinco livros de Moisés (Pentateuco), atribuídos a Moisés. Estes livros, que constituíam a parte básica da leitura e instrução nas sinagogas, contêm, além de coleções (Ex 25-31; 36-40; Lv 1-16; 23-27; Nm 1-10; 17-19), alguns códigos mais amplos: Código da Aliança (Ex 20,23-23,19), a Lei de Santidade (Lv 17-22) e o Código Deuteronômio (Dt 12-26). Além destas leis escritas, os fariseus observavam a tradição oral, a Mixná, também atribuída a Moisés. Profetas são as pessoas que foram escolhidas por Deus para manifestar sua vontade durante um período.

O conteúdo da catequese está na **Bíblia**. O livro do catequista por excelência. No Antigo Testamento, assim como até hoje na cultura oriental, podemos observar que a lei era usada em defesa da vida. As experiências dos antigos, ou seja, dos antepassados serviam de orientação para a vida que levavam.

Hoje ninguém mais se importa com as experiências dos antigos. Com tanta corrupção acontecendo no mundo, não temos mais a cultura de observar as Leis e com isso destruimos o meio ambiente, flora e fauna e, pior que tudo isso, a nós mesmos. Somos

mais irracionais que os animais. Queremos sempre ter razão em tudo e em todos os momentos. Mesmo que para isso tenhamos que atropelar e até matar um irmão (Com palavras, gestos e violência).

Na partilha que foi feita sobre o texto, uma chamou a nossa atenção: a atitude de Jesus é sinônimo de ação. Ele não ficava apenas nos sentimentos de compaixão, mas ele agia, partia para ação. Dessa forma, compreendemos que as atitudes dos catequistas também devem ser de ações, não ficar só no falar, mas principalmente no agir, tal qual Jesus, no caminho para Emaús: aproximar, caminhar, ouvir, ensinar, questionar, demonstrar interesse, aceitar, despertar interesse, transformar, e mostrar hospitalidade, acolhida.

Aprendemos, também, que acima de tudo devemos ser humildes e orantes, pois Jesus assim o foi. No caminho de Emaús ele não se revelou aos discípulos logo de principio, somente amou-os. E desse amor outras ações brotaram. Assim também devemos ser e fazer da nossa evangelização. Devemos: amar, amar, amar e amar...

### **3º Encontro**

#### **Primeiro momento:**

1. Fazer a memória dos dois encontros passados;
2. Interesse por parte da Irmã Anete: Saber se realmente aprendemos alguma coisa nos encontros anteriores e se já tínhamos colocado em prática. Pergunta: O que viveu de especial nesta semana? E o que de especial se lembra dos encontros anteriores?

#### **Respostas obtidas:**

Uma pessoa, da Capela Maria Goreth, deu testemunho que estava trabalhando a sua catequese até antes do curso meio que inseguro sobre como falar com seus catequizandos, e que no domingo (ontem) viveu uma experiência extraordinária falando sobre o Filho Pródigo com sua turma, chegando ao ponto de ficar trancado na capela, por não perceber que o horário havia passado. Contou que ao ministrar o encontro viveu todas as emoções dessa passagem e que ao trazer para os nossos dias, através de uma estória sobre o arrependimento de um filho que havia abandonado a família, vivido de forma



desequilibrada e que muito doente, decide retornar para casa e da forma em que ele foi acolhido pelo pai e pelos vizinhos que foram solidários a essa família, não se conteve e verteu lágrimas, mostrando toda a sua fragilidade aos seus catequizandos que a partir desse momento demonstraram mais interesse pelo encontro, e, então, realmente a evangelização havia começado.

Uma pessoa, da capela Nossa Senhora Aparecida, falou sobre três acontecimentos:

- Nascimento de mais um bebê;
- Carta do pai que não falava com ela;
- Descoberta de Deus através do segue-me.

Outra pessoa partilhou conosco que está fazendo estudo bíblico com o seu grupo de primeira caminhada nas casas das crianças, sendo cada semana uma casa sorteada para o evento. A experiência, segundo ela, está sendo ótima, pois tanto ela como os pais estão aprendendo a ouvir e trabalhar o que estão ouvindo com as crianças. A participação ainda não é a desejada, mas não pretendem desanimar, pois na sua avaliação a evangelização está sendo mais completa.

Outra pessoa, da comunidade Santa Cruz, enfatizou que o (a) catequista deve ser apaixonado (a) por Deus-Pai, Deus-Filho, Deus-Espírito Santo e por Nossa Senhora. Contou-nos, também, que o padre neste domingo pediu para que cada um pedisse a bênção de Nossa Senhora no lugar da bênção final.

Após esses colóquios iniciais, retornamos a nossa condição de discípulos/as, escutando o mestre. O mais interessante é que desde o primeiro encontro estamos estudando Lc 24,13-35 e a cada dia uma novidade surge. Não é cansativo. Todos participam, claro que alguns com mais entusiasmo que outros.

Hoje falamos de seguir a mesma metodologia de Jesus. Lembramos que o que fazemos é um encontro, assim como Jesus fez com os dois peregrinos, e não uma aula, assumindo postura de professor, que não devemos nos preocupar com sala, com refrigeração, enfim, com infra-estrutura, pois como vimos Jesus falava às multidões em lugares nada confortáveis, como à beira de um rio, embaixo de alguma árvore, em algum barco, sobre alguma montanha, caminhando com o povo.

Esta pedagogia consiste em usar verbos de ação: aproximar, acolher, ouvir, mostrar interesse, ter fé, orar, conhecer as escrituras. Não devemos nos preocupar em saber

se os catequizandos aprenderam a rezar direito, mas é condição fundamental que percebamos se cada um deles conhece realmente Jesus para poder participar de sua ceia. Não cabe a nós avaliarmos com provas e testes, mas acompanharmos o aproveitamento que cada um está experimentando em cada encontro.

Foi apresentado neste encontro o Livro de autoria da Ir. Anete:

**Projeto: Música e Bíblia na construção das Pessoas e de Novas Relações.**

Canto: (da coleção do Projeto: “Bíblia e Música na construção de Novas relações” de Albina Pedó)

**A Bíblia faz:**

**Jorrar** água viva.

**Germinar** sementes de vida.

**Recriar** relações de paz, justiça, amizade, fraternidade.

**Comprometer** e assumir a defesa da vida.

**Proteger** o meio ambiente.

**Aumentar** a fé, a esperança e o amor.

Este livro vem para ajudar os catequistas a preparar seus encontros com segurança, pois todo catequista deve saber e viver a palavra antes de ensinar.

A Bíblia dá sentido à vida e devolve a alegria de viver. Por isso que dizemos que é mais fácil evangelizar primeiro pela música, depois pela Bíblia. Jesus fala: Eu sou a água viva. A água faz nascer, germinar, brotar uma nova vida. Sem água não tem vida nova na natureza. Jesus chega aos discípulos que fugiam para Emaús e os vê abatidos, tristes, desesperançados. Após ouvi-los, Jesus ensina-lhes as Escrituras a partir de Moisés, porque percebe que eles não as conheciam e não tinham entendido nada de tudo o que havia acontecido.

A partir do momento em que Jesus começou a explicar-lhes a Escritura, os seus corações começaram a arder, e eles começaram a sentir-se diferentes. Daí, dizemos que a Bíblia faz renascer.

A Bíblia recria relações: lembremos as experiências que vivemos na semana, lembrando da estória do filho pródigo contado pelo nosso irmão Geraldo. A Bíblia faz comprometer: A palavra de Deus é feita de ação. É palavra de Deus sempre que

transforma. Logos: A palavra se fez carne e assumiu a defesa da vida. Jesus assumiu a vida que iria defender.

O catequista deve assumir as crianças. O catequista deve ensinar que é necessário defender a vida. Como? Transformando ódio em amor. Trevas em luz. Discórdia em união. São Paulo, em sua carta aos Romanos, proclama que a fé vem da palavra. A semente que produz a fé é a Bíblia. Tendo fé não vivemos sem a esperança e, tendo esperança, cresce o amor.

Nas passagens do Filho Pródigo, da Ovelha Perdida, da Moeda Encontrada e do Samaritano observamos a alegria do reencontro, a alegria de viver. Assim também acontece nesta passagem de Emaús: os discípulos se alegram ao descobrir Jesus vivo (não tinham acreditado no que lhes tinham dito as mulheres).

### **Segundo momento:**

Depois de meditarmos sobre o evangelho, vivemos uma experiência nova. Fomos convidados a ir para outra sala onde teríamos uma surpresa.

Sáímos da sala cantando:

- O povo de Deus no deserto andava

Entramos na sala cantando:

- Subindo... Subindo para o céu eu vou... Quem é que vai... Eu vou... Eu vou...

Relembramos que no nosso primeiro encontro vivenciamos os nossos desânimos, nossos desafios, nossas mágoas, nosso desinteresse, etc. Quando a caminhada começou, os discípulos tinham dificuldade de entender e acreditar nas Escrituras e, com paciência, Jesus ensina, explica e quando chega a um determinado lugar, faz-se entender que quer ser convidado a ficar, que quer ser parte deles. Ele acende neles a vontade de estarem juntos. Hoje nós somos esses discípulos e já pensamos como eles. Não reclamamos mais. Estamos com o coração ardente. Estamos convidando Jesus a ficar conosco também.

Após todos estarem acomodados confortavelmente, entraram na sala três pessoas representando Jesus e os discípulos a caminho de Emaús.

Jesus aceita o convite;

- Partilha o pão com eles. (Observamos a aparição de uma mulher que não é citada na mensagem, mas que sabemos ser alguém da hospedaria em que estavam).

- Os dois descobrem Jesus ao partir o pão.
- No momento em que Jesus é reconhecido, desaparece na frente deles.
- Eles, alegres, retornam a Jerusalém, e vão anunciar aos seus companheiros

tudo o que viram e vivenciaram .

Cantamos:

Fica conosco Senhor, é tarde a noite já vem...

Fica conosco Senhor somos teus seguidores também.

Após, silenciarmos uns segundos e falamos da nossa experiência, do que aprendemos:

*A evangelização precisa ter uma mensagem a cada final de encontro, porque a mensagem é o centro de tudo.*

A nossa mensagem hoje foi a **partilha**. O retorno dos discípulos. Assim deve ser a catequese. Deve dar motivos para os catequizandos voltar sempre. O catequista deve fazer o coração dos catequizandos arder.

Um do grupo relatou que uma de suas catequizandas, que não acreditava em Deus, viveu a sua primeira experiência com Ele em um velório, aos 17 anos e transformou-se, a partir daí. Com outra catequizanda sua, que aparentemente demonstrava que estava tudo bem, viveu a experiência da mãe que veio lhe pedir ajuda porque a filha não queria mais voltar aos encontros e isto porque ela estava brigada com uma amiga, com a qual se reconciliou. O centro da nossa mensagem foi o reconhecimento por parte dos discípulos, através da partilha de Jesus.

### **Eucaristia quer dizer partir o pão.**

Se a evangelização for só falação e não provocar a transformação de quem participou desse encontro, não podemos dizer que foi um encontro catequético. Jesus não só ouviu. Falou também. E falou com gestos, ao partir o pão. Catequista que é catequista deve agir, ser partilha testemunho vivo. Não guardar para si o que sabe, mas anunciar a boa nova com todos. É isto que aprendemos com a oração do Pai-Nosso. Jesus diz: Pão nosso de cada dia nos dá hoje. Nunca disse pão meu de todos os dias. Qual o pão os catequistas devem partilhar? O pão material; O pão do amor; O pão da amizade; O pão da justiça; O pão da confiança. Se cada catequista agir dessa maneira, conquistando a confiança das

crianças e adultos, falando a linguagem que eles falam, demonstrando amor, interesse, confiança, tratando a todos com justiça, terá conseguido um peixe para a rede do Senhor.

Neste encontro, ao final, houve partilha de pão entre nós (material e espiritual). Relembramos que a Bíblia faz acontecer e partilha e a confraternização.

#### **4º Encontro:**

##### **Primeiro momento:**

Canto da Bíblia:

- Tua palavra é lâmpada...

- A Bíblia faz...

Reflexão:

Onde encontrar Deus? O que a Bíblia faz?

1) Os primeiros povos encontravam Deus na natureza, a qual foi o primeiro livro da revelação de Deus. Moisés encontrou Deus na sarça ardente. (Ex 3, 3-5)

2) No Antigo Testamento, Deus se fazia revelar pelos profetas e hoje nós o encontramos através de Jesus e na Bíblia.

3) A Bíblia cria relações (Os que fizerdes ao menor dos meus irmãos, estarão fazendo a mim).

##### **Tema do encontro: A lei do amor**

Sem amor não há novas relações. Foi exibida uma mensagem em que observamos as várias formas de amar que existem:

Amor = Paixão; Amor = Amizade; Amor = Apego; Amor = Renúncia; Amor = Egoísmo; Amor = Caridade (benefício ao próximo) Ausência de amor = Ódio; Sombra = Ausência; Amor traído = Tempestuoso.

O amor é como o sol, está por toda parte. A diferença está na maneira como o refletimos.

O amor é a força que une os mundos... Até mesmo, mundos tão diferentes como eu e você...

O amor está presente nos pequenos seres e até nos recantos mais escondidos do coração. Quando nos afastamos desse amor, sentimos o frio e a infelicidade na alma. Amar é aceitar a diferença.

No Antigo Testamento, Deus diz: “*Eu sou aquele que é*”, dando-nos, dessa fala, o direito de sermos livres para sermos o que somos. O evangelista São João, em suas cartas, diz Deus é Amor.

Concluimos que todos nós, sem exceção, a partir desse colóquio, temos o amor em nós, só nos falta descobrir em que cantinho do coração ele está. Se Deus é amor e se somos feitos à sua imagem e semelhança, quando nos aproximamos Dele sentimos a paz e a alegria. Porém, esse amor tem matizes, segundo a nossa capacidade de perceber. Amar é respeitar as diferenças. A lei da vida é o Amor. Estamos imersos nele. Viemos dele. E é o nosso destino. Isto porque Deus-Pai nos afirmou: Eu sou e Jesus confirmou e registrou em sua curta passagem pelo mundo: Deus é Amor, Deus é misericórdia. Ainda mais: Amai-vos uns aos outros, como eu Vos amei. Aprendemos que não é preciso saber os 10 mandamentos de cor e salteado, bem como algumas orações para participar do banquete celestial. Precisamos, sim, é levar nossos catequizandos a viver a experiência do amor, perdão e caridade, pois Jesus nos disse: Amai-vos uns aos outros como Eu Vos tenho amado.

Rememorar: A partilha.

Os gestos falam mais que palavras, os discípulos somente reconheceram Jesus ao partilhar o Pão. A ação de retornar para junto dos outros e anunciar com alegria que Jesus estava vivo é também partilhar.

Assim deve ser a catequese renovada: Alegre no anúncio. Pois, se o catequista é triste, daí só virá uma triste catequese.

### **Novos destaques do evangelho de Lucas:**

Os pobres, doentes, mulheres, crianças e excluídos não eram considerados cidadãos; Jesus deu dignidade e igualdade a todos os que eram marginalizados. Jesus nasce na margem e é revelado pelos pastores que eram marginalizados pelos doutores e ricos. O evangelho lembra, a todo o momento, a misericórdia do Pai.

No Antigo Testamento, a vida se passava ao redor do Templo. No Novo Testamento, a vida começa em casa. Maria se encontrava em casa quando o anjo veio lhe

dizer da vontade de Deus. Ela ficou repleta do Espírito Santo. Assim, para chegar a Deus, o catequista tem que estar cheio do Espírito Santo, devendo, portanto, todos os dias de sua vida, clamar para que o Espírito Santo de Deus venha em seu socorro e o capacite para desenvolver com sabedoria e alegria a missão que lhe foi confiada pelo Pai.

Alguns grupo pregavam que os ricos eram abençoados por Deus, enquanto que os pobres e doentes seriam amaldiçoados, e estariam pagando por algum castigo cometido pelos seus antepassados. No Novo Testamento, Jesus prega o contrário. Inclui a mulher e os pobres e doentes na comunidade.

Realização do Projeto comunitário na pessoa de Jesus:

Jesus pregava o Pai e o Reino de Deus.

Em Lc 4,43, percebemos que essa comunidade é missionária: *Devo anunciar também em outras cidades...*

Jesus concretiza o que o profeta Isaias já anunciava (Lc 4,18s, cf. Is 61.1-2):

- Evangelizar os povos (Jesus tinha uma missão: Mudar o perfil de uma sociedade excludente);
- Curar os cegos (Transformá-la em uma comunidade em que todos pudessem ver);
- Proclamar a Boa Nova. (Anunciar o reino de Deus, onde deve existir comida para todos, cura dos doentes, enfim que houvesse direitos iguais, que a prática da justiça fosse direito e dever de todos).

Jesus veio para propor a reintegração das pessoas em uma comunidade que marginalizava mulheres, crianças, pobres e doentes. A sua meta era transformar a prática da exclusão em reintegração. Mas até mesmo em uma sociedade que trabalha para isso há discórdia e, neste caso, observamos os apóstolos, seus comportamentos, atitudes diante das dificuldades e da falta de conhecimento das coisas do alto.

Qual é o rosto de Deus que transparece no Evangelho de Lucas?

A resposta está em Lc 15: um Pai misericordioso:

- Pai - Pastor que se alegra quando encontra uma ovelha perdida
- Pai acolhedor do filho perdido
- Pai caridoso que não discrimina e nem tampouco julga os estrangeiros (diferentes)
- Pai-mãe que festeja ao encontrar o objeto perdido (fé?!)

### **Outros destaques do evangelho:**

Presença da mulher; Comunidade com muitos conflitos; Má distribuição de bens.

Estudando Lc 12,13-21; 14; 16; 19 descobrimos os muitos conflitos que existiam na comunidade: divisão, ganância, preconceito, abuso de autoridade, uso incorreto do santuário, distância entre o rico e pobre. Jesus veio para consertar uma comunidade que não tinha mais condição de vida comunitária. A palavra esmola encontrada na Bíblia quer demonstrar não a esmola do não nos serve mais e sim uma proposta de redistribuição de rendas e bens. Esta foi manifestada na ceia. Uma sociedade dividida pode levar à morte e isto veio a acontecer com Jesus.

### **5º Encontro**

A comunidade: a fé pode ser vivida em plenitude somente dentro da comunidade.

#### **A tarefa da evangelização:**

- Levar o cristão ao conhecimento de Jesus e das Escrituras;
- Viver e levar o cristão a ter uma vida de oração (Mt 6,1-15): “*A avaliação do evangelizador se mede pelas suas horas de oração*”;
- Colocar as atitudes de Jesus como modelo de comportamento: ensinar a rezar como Jesus, com os mesmos sentimentos e disposições com os quais ele se dirigia ao Pai;
- Não se esquecer do Pai: falamos muito do Jesus e do Espírito Santo e muitas vezes esquecemo-nos de nosso Pai;
- Celebrar a vida.

#### **Pedagogia de Jesus:**

O modo de proceder de Jesus:

- Ele parte da convivência com as pessoas;
- Do acolhimento às pessoas;
- Envio dos discípulos para semear a Palavra;

Atenção às necessidades e às situações de cada pessoa/comunidade.



As palavras de Jesus são ações. Tudo que Ele falou, Ele fez.

AMOR = amou até os inimigos;

PERDÃO= Perdoou até quem o traiu;

ACOLHIDA= Nunca excluiu ninguém;

Faz-se necessário criar uma consciência em que devemos aprender a *viver* a Palavra, não somente *falar* a Palavra. Jesus soube fazer muito bem as duas coisas: falar e viver a palavra.

A Bíblia educa, transforma vida, é luz do caminho, e tem exemplos de vida que nos ajuda a conversão.

A Bíblia é a ligação com Deus; A Bíblia Transforma a vida das pessoas; É a comunicação de Deus com os seres humanos; Torna-se a porta aberta para o Pai, quando vivida diariamente. A Bíblia ilumina; Conduz à salvação; A Bíblia é comunhão e nos faz participar da mesa do Senhor.

A oração de Jesus não era longa quando estava na presença de outras pessoas. Suas orações só eram longas quando estava sozinho: “Não multipliqueis as vossas palavras, pois antes de começares, Deus...”.

### **Apresentação dos trabalhos de equipe:**

As atitudes de Jesus como modelo de comportamento. Ensinar a rezar como Jesus, com os mesmos sentimentos e disposição com os quais Ele se dirigia ao Pai. Ter vida de oração. Viver a palavra; Ouvir e agir; Falar com simplicidade; Ser inclusivo;

Ter uma atitude de escuta e flexibilidade e falar de acordo com os interlocutores.

Conhecer os interlocutores, quais as origens e suas histórias.

Estar disponível e ter uma atitude de humildade perante os interlocutores e os outros catequistas.

Conhecer, estudar e viver a Bíblia.

Ter uma atitude de amor para com o próximo.

Seremos discípulos de Emaús, à medida que formos capazes de partilhar a alegria do reencontro semeado, a esperança e a felicidade à nossa volta, dando com isso testemunho aos outros.

Jesus é amor incondicional. Com amor vamos saber acolher cada catequizando com a sua diferença, como ele é, estabelecendo vínculo de confiança. Assim, poderemos praticar o evangelho como Jesus fez com os discípulos de Emaús.

Conhecer melhor cada catequizando, ouvindo-o, sabendo do que gosta como é a sua família, como vivem.

Adquirindo a confiança, aproximação, conforme a prática pedagógica utilizada por Jesus, terão mais facilidade para evangelizar, brotando neles o interesse pelo conhecimento da Sagrada Escritura.

Com a aproximação, e eles estando abertos, receptivos à Palavra de Deus, podemos utilizar a metodologia de Jesus, a criatividade e a sua pedagogia, a fim de que eles tenham interesse em ouvir, buscar, aprofundar-se.

Usar a linguagem adequada para cada etapa da catequese usando sempre muita criatividade e acima de tudo fazer com amor. Jesus usava de uma pedagogia única, de se adequar a cada pessoa com quem falava, facilitando assim a compreensão do que ensinava para seus discípulos. O discípulo, reflexo do rosto de Jesus: Vive o que prega. Tanto nos tempos de Emaús quanto hoje percebemos o medo, a desmotivação, a falta de fé e, portanto, devemos ter a atitude de Jesus e nos abrir para que ação do Espírito Santo nos capacite.

Após as apresentações, voltamos para a sala e ficamos de dois em dois para responder ao seguinte questionamento:

- 1 - O que você vai levar dessa prática?
- 2 - O já melhorou a partir do nosso curso?

A partir do encontro, mais interesse pelas crianças, maior espiritualidade; vê a Bíblia e as pessoas com outros olhos, com mais amor. Maior interesse pelos não batizados. A importância de ter a Irmã Anete conosco. Mudança de atitude. Planejamento; Mais segurança sobre o que falar, como agir; Mais paciência. Silêncio. Fazer parte do mundo dos interlocutores. A responsabilidade aumentou. No primeiro dia era só reclamação, agora tudo é amor. Tudo é SETE. Maior responsabilidade dos catequistas após o curso. Entender a Bíblia, ser discípulo de Emaús. Partilhar. Buscar iluminação na palavra de Deus. Há 20 anos como educadora, neste curso aprendeu e já melhorou a forma de conduzir os problemas que estão acontecendo, tanto na escola, com adolescentes, administração e pais, e na catequese. Contou que sobre alunos que são marginalizados. Com a pedagogia de Jesus, aprendeu que devem ser acolhidos, pois o problema não é só deles, porém de todos.

Falta de atenção e participação dos pais e de conteúdo. A atitude do ministro da catequese deve ser de, através da internet, trabalhar a Bíblia com os interlocutores, junto com a família, partilhando as aflições e problemas com a família (resposta de uma catequista).

## **6º Encontro:**

### **As pessoas e suas experiências de Deus: Partilhas**

#### **O conceito de Deus que as pessoas possuem**

Primeiro momento: Como foi o seu trabalho de evangelização a partir do curso?

Uma catequista, que é nova na caminhada, mas que tem bastante tempo de professora, pedagoga, disse: Quando entro na sala de encontro eu preciso estar ciente que tanto eu quanto minhas crianças devem ter mudança de atitude.

Outra falou do falecimento de uma catequizanda cadeirante no sábado passado. Jesus disse: “Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, ali estarei”. Fazemos a experiência de nos colocar no lugar de Maria. Ela tinha um filho maravilhoso, sem pecados, sem manchas e viveu a dor de ver esse seu filho, todo perfeito, pendurado em uma cruz, despedaçado, como se fosse o pior dos malfeitores do mundo, sem questionar. O seu próprio filho naquele momento permitiu que essa mãe recebesse todas as dores das pessoas. Maria acolhe todas as nossas dores, súplicas, aflições e nos aconselha: Fazei tudo que o meu filho vos disser. Após essa reflexão, rezamos por todos que sofrem.

#### **O conceito de Deus que as pessoas possuem**

As falsas imagens que nós criamos de Deus são recebidas do ambiente familiar. São imagens que fogem do Deus verdadeiro. É necessário fazer o despojamento (psíquico e simbólico) dessas falsas imagens de Deus: O Deus conceito, O Deus Lei, O Deus terrível, O Deus aspirina, O Deus sombrinha, O Deus bonzinho, O Deus infantil, O Deus folclore, O Deus milagre, O Deus narcótico.

Imagem de Deus como luz. Jesus disse: Eu sou a luz do mundo. No evangelho de João Jesus fala: “Eu Sou” 14 vezes. Se seguirmos Jesus, saberemos que Deus é amor. Deus é misericórdia. Deus é perdão. Jesus morreu perdoando. Deus é Pai. Aceita-nos como nós somos. O caminho mais curto para se ter uma imagem de Deus é através da Bíblia.

**Deus Conceito:** É quando vemos Deus como ser abstrato, ser infinito, ser onipotente; quando o vemos como o misterioso, o todo-poderoso, uma energia. É um Deus distante, impessoal. Não se importa com a humanidade.

**Deus-Lei:** É um Deus normativo e policial, impositivo e controlador. Satisfaz-se quando as pessoas cumprem os preceitos. A pessoa não tem liberdade de opção.

**O Deus-Terrível:** Deus ameaçador, castigador, vingativo. A pessoa deve comportar-se bem, rezar incessantemente. Oferecer-lhe penosos sacrifícios. Deus não disse isso, disse somente para sermos caridosos, misericordiosos, amigos, quando falou: Quando fizerdes ao menor dos meus irmãos é a mim que fazeis.

**O Deus aspirina:** Acalma os sustos, desfaz os sofrimentos e dores. É um deus em pequenas doses, no qual pensamos somente por instante, com uma pequena invocação, e basta.

**O Deus sombrinha:** Sempre está disponível; quando se quer usar, logo está nas mãos; quando não se precisa, é colocado em algum lugar onde não estava. Este deus perde-se facilmente, pois é um deus de supermercado.

**O Deus infantil:** É toda alegria. Fácil de enganar. Não se preocupa com os problemas humanos, nem se interessa com as inquietudes populares e sociais. Contenta-se com ritos amenos e rapidinhos. É um deus distante.

**O Deus bonzinho:** É um velho acomodado sobre as nuvens. Frágil e bonachão. Não se importa com nossas irresponsabilidades e infidelidades.

**O Deus folclore:** Adapta-se às tradições do lugar, não é reconhecido fora daquele lugar. Serve para animar as festas e feriados regionais; favorece o turismo e as vendas populares. Exemplos: Os pagamentos de promessas em regiões longínquas. As romarias em Aparecida, muito comércio. A prática de Jesus foi expulsar do templo os comerciantes, aqueles que vendiam essa imagem de Deus.

**O Deus Narcótico:** Um deus que adormeceu seus fiéis. Põe uma venda nos olhos das pessoas para que não vejam a realidade da vida. Vendo-a dizem que é a vontade de Deus. Isto não existe, pois Jesus disse: “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância.”

**O Deus milagre:** É o deus que aparece quando se dão os fenômenos raros e, por nossa pouca investigação científica, dizemos “milagre de Deus”.

**O Deus de Jesus Cristo:** As atitudes e a prática de Jesus nos permitem descobrir um novo rosto de Deus: Deus amor e Deus vida. *Deus como paizinho:* em Mc14,36 Jesus

nos revela um Deus familiar, pessoal. A expressão Abbá é uma palavra familiar utilizada pelas crianças judias para dirigir-se ao pai: se traduz como paizinho. A palavra pai aparece 170 vezes nos evangelhos. Assim vemos que Jesus estabeleceu uma nova relação com Deus, uma atitude de filho, e sente que seu Pai lhe dá afeto e segurança, por isso seu objetivo é fazer a vontade do Paizinho. Jesus dizia: o meu alimento é fazer a vontade do meu Pai. O catequista deve trabalhar a relação de filho com pai e do pai com o filho,

*O Deus que perdoa:* Novidade e blasfêmia (Mt 9,1-8). Na sociedade do seu tempo havia muitas pessoas com peso na consciência, com culpa, aprisionados pelo pecado. Com gestos e palavras, Jesus libertou essas pessoas dessa situação e as incluiu na sociedade.

O livro de Jó demonstra claramente o que as pessoas pensavam sobre a doença: abandono e maldição de Deus. Jesus veio e mostrou: Quem não tiver pecado, que atire a primeira pedra (Jo 8). Afirmou ainda: Eu não vim para julgar, mas para libertar. O único pecado sem perdão é o pecado contra o Espírito Santo. Tudo Deus perdoa. E nós devemos perdoar a nós mesmos. Setenta vezes sete vezes: sempre.

*O Deus dos pequeninos:* Mc 10,13-16: Jesus mostra sua predileção pelos fracos: pelas crianças, pelos marginalizados, pelos afastados do sistema religioso e político.

A partir deste momento tivemos uma situação diferente de todos os outros encontros. Penso que atingimos as nossas feridas e tivemos coragem de pedir um bálsamo, uma cura. Necessitamos de muita sabedoria e misericórdia. A melhor coisa a fazer é agir com misericórdia e ter o olhar de Jesus. Se aquilo que você faz traz uma alegria e paz interna, é certo e vem de Deus. Se, ao contrário, traz uma tristeza, com certeza isso não vem de Deus, pois Deus é alegria, paz, bem-estar.

As nossas ações devem ser baseadas na proposta de Jesus, que disse: amai, em qualquer circunstância, amai. Jesus revelou Deus com suas palavras e gestos.

## **AVALIAÇÃO FINAL DO CURSO DE MINISTROS DA PALAVRA**

Dinâmica da avaliação: 1 - Em forma de entrevista.

- a- Todos preparam uma pergunta que vai fazer ao ou à colega.
- b- Dois a dois, um é o entrevistador e o outro é o entrevistado e vice-versa.
- c- Cada um escreve a resposta que ouviu do entrevistado.

Dê sugestões que contribuam para melhorar a qualificação de Ministros da Palavra.

2 – Convidar alguém que livremente se prontifique a fazer o papel de repórter de televisão: Passa pela sala e espontaneamente entrevista alguém.

3 - Um repórter de rádio. Convida um participante do curso para ser entrevistado pela rádio.

4 – Avaliar a facilitadora do Curso quanto:

1 – Aos conteúdos ministrados:

2 – A metodologia usada no curso:

#### Bibliografia

BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

FREIRE PAULO. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.